



SUMÁRIO

Você já esteve aqui

PARTE UM: A GRANDE INAUGURAÇÃO

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

PARTE DOIS: A VENDA DO SÉCULO

Doze

Treze

Catorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

PARTE TRÊS: TUDO TEM QUE ACABAR

Dezenove

Vinte

Vinte e um

Vinte e dois

Vinte e três

Você já esteve aqui

Nota da editora

Sobre o autor

Créditos

BIBLIOTECA

STEPHEN KING

Para Chris Lavin, que não tem todas as respostas — só as que
importam

*Ladies and gentlemen, attention, please!
Come in close where everyone can see!
I got a tale to tell, it isn't gonna cost a dime!
(And if you believe that,
we're gonna get along just fine.)*

Steve Earle
"Snake Oil"

*Ouvi falar de muitos que se perderam mesmo nas
ruas do vilarejo, quando a escuridão era tão densa que
dava para cortar com uma faca, como se diz...*

Henry David Thoreau
Walden

VOCÊ JÁ ESTEVE AQUI



Claro que estive. Com certeza. Eu nunca me esqueço de um rosto.

Venha aqui, aperte a minha mão! Tenho que lhe dizer uma coisa: eu te reconheci pelo jeito de andar antes mesmo de ver seu rosto direito. Você não poderia ter escolhido um dia melhor para voltar a Castle Rock. Não é uma cidade maravilhosa? A temporada de caça vai começar em breve, a floresta vai ficar cheia de cretinos atirando em tudo que se mexe e não usa laranja berrante, depois vêm a neve e a geada, mas tudo isso é depois. Agora estamos em outubro, e em Rock nós deixamos outubro ficar pelo tempo que quiser.

Na minha opinião, essa é a melhor época do ano. A primavera é boa aqui, mas sempre vou preferir outubro a maio. O oeste do Maine é uma parte do estado que fica bem esquecida quando o verão vai embora e todas aquelas pessoas que têm chalés perto do lago e em View voltam para Nova York e Massachusetts. As pessoas aqui as assistem vir e ir todos os anos: oi, oi, oi; tchau, tchau, tchau. É bom quando elas vêm porque trazem os dólares de suas cidades, mas é bom quando vão porque também levam as chateações de suas cidades.

É sobre as chateações que quero falar; você pode ficar um pouco comigo? Aqui, nos degraus do coreto está ótimo. O sol está quente e daqui, do meio da praça da cidade, dá para ver todo o centro. Só tome cuidado com as farpas, só isso. Os degraus precisam ser lixados e pintados. Isso é trabalho do Hugh Priest, mas Hugh ainda não chegou a cuidar disso. Ele bebe, sabe. Não é segredo. Segredos podem e são guardados em Castle Rock, mas você tem que se esforçar muito para isso,

e a maioria de nós sabe que tem muito tempo que Hugh Priest e o trabalho árduo não andam de mãos dadas.

O que você disse?

Ah! Isso! Ora, garoto... não é uma pérola? Os folhetos estão por toda a cidade! Acho que Wanda Hemphill (o marido dela, Don, é dono do Mercado Hemphill) distribuiu a maioria sozinha. Tire ali do pilar e me dê aqui. Não seja tímido, ninguém tem que prender folhetos no coreto da praça da cidade, para começar.

Caramba! Olha só essa coisa! OS DADOS E O DIABO impresso bem no alto. Com letras grandes e vermelhas saindo *fumaça*, como se essas coisas tivessem sido enviadas como uma entrega especial lá de Tofete! Rá! Alguém que não soubesse o lugarzinho sonolento que esta cidade é acharia que estamos indo para o buraco, imagino. Mas você sabe como as coisas acabam ficando fora de proporção numa cidade deste tamanho. E o reverendo Willie está com alguma coisa na cabeça desta vez, com certeza. Sem dúvida nenhuma. As igrejas nas cidades pequenas... bom, acho que não preciso dizer como isso funciona. Elas se dão bem, mais ou menos, mas nunca estão verdadeiramente *felizes* umas com as outras. Tudo fica tranquilo por um tempo e de repente acontece uma briga.

Mas foi uma briga bem grande agora, e com muitos ressentimentos. Os católicos, sabe, estão planejando uma coisa que estão chamando de Noite do Cassino no Salão dos Cavaleiros de Colombo, do outro lado da cidade. Na última quinta-feira do mês, pelo que sei, com a renda sendo usada para ajudar a pagar o conserto do telhado da igreja. Essa é a Nossa Senhora das Águas Serenas; você deve ter passado por ela ao entrar na cidade, se veio por Castle View. Uma igreja linda, não é?

A Noite do Cassino foi ideia do padre Brigham, mas foram as Filhas de Isabella que realmente pegaram a bola e correram com ela. Mais especificamente, Betsy Vigue. Acho que ela gosta da ideia de colocar o

vestido preto mais grudado que tem e dar as cartas no blackjack ou girar a roleta e dizer “Façam suas apostas, senhoras e senhores, façam suas apostas”. Ah, mas até que todos gostaram da ideia, eu acho. São só apostas de valor baixo, inofensivas, mas parece um pouquinho pecaminoso para eles mesmo assim.

Só que o reverendo Willie não acha inofensivo e parece bem mais do que um pouquinho pecaminoso para ele e sua congregação. Ele é, na verdade, o reverendo William Rose, e ele nunca gostou muito do padre Brigham, nem o padre gosta dele. (Na verdade, foi o padre Brigham que começou a chamar o reverendo Rose de “Steamboat Willie” e o reverendo Willie sabe disso.)

Esses dois feiticeiros sempre soltam umas faíscas, mas essa história da Noite do Cassino é um pouco mais do que faíscas; acho que está mais para um incêndio. Quando Willie soube que os católicos pretendiam passar uma noite jogando no Salão, ele pulou tão alto de raiva que quase furou o teto com a cabecinha pontuda. Ele pagou por esses folhetos dizendo OS DADOS E O DIABO do próprio bolso e Wanda Hemphill e suas amigas do grupo de costura espalharam por toda a cidade. Desde então, o único lugar onde os católicos e os batistas se falam é na coluna de cartas do jornalzinho semanal, onde resmungam e reclamam e dizem que o outro vai para o inferno.

Olha ali e você vai ver o que eu quero dizer. Aquela saindo do banco é Nan Roberts. Ela é dona da Lanchonete da Nan e acho que é a pessoa mais rica da cidade agora que o velho Pop Merrill foi para aquele grande mercado de pulgas no céu. Além disso, ela é batista desde que Hector era filhote. E vindo ali do outro lado está o grande Al Gendron. Ele é tão católico que faz o Papa parecer kosher e seu melhor amigo é o irlandês Johnny Brigham. Agora, fica olhando! Está vendo os narizes se levantando? Rá! Não é uma comédia? Aposto o que você quiser que a

temperatura deve ter caído uns dez graus quando eles passaram um pelo outro. É como a minha mãe dizia: as pessoas se divertem mais do que todo mundo, menos os cavalos, e eles não conseguem se divertir.

Agora, olhe ali. Está vendo aquele carro de xerife estacionado junto ao meio-fio perto da loja de vídeo? Quem está dentro é John LaPointe. Ele tem que ficar de olho se alguém está ultrapassando o limite de velocidade, o centro é área de velocidade baixa, principalmente no horário da saída da escola. Mas, se você olhar bem, vai ver que o que ele está *mesmo* fazendo é olhando para uma foto que tirou da carteira. Não consigo ver daqui, mas sei o que é tão bem quanto sei o nome da minha mãe. É a foto que Andy Clutterbuck tirou de John e Sally Ratcliffe na Feira Estadual de Fryeburg, cerca de um ano atrás. John está com o braço em volta dela na foto e ela está segurando um urso de pelúcia que ele ganhou para ela no estande de tiro, e os dois parecem tão felizes que poderiam explodir. Mas as coisas mudam, como dizem; atualmente, Sally está noiva de Lester Pratt, o professor de educação física da escola de ensino médio. Ele é batista até a raiz do cabelo, como ela. John ainda não superou o choque de a perder. Viu o suspiro que ele deu? Está sofrendo de um caso grave de tristeza. Só um homem ainda apaixonado (ou que acha que está) pode dar um suspiro profundo desses.

Problemas e chateações são principalmente coisas comuns, já reparou? Coisas nada dramáticas. Vou te dar um exemplo. Está vendo aquele sujeito subindo a escada do fórum? Não, não o cara de terno; aquele é Dan Keeton, nosso conselheiro municipal principal. Estou falando do outro; o negro de uniforme de trabalho. É Eddie Warburton, o zelador do Prédio Municipal no período da noite. Fique de olho nele por uns segundos e veja o que ele faz. Pronto! Viu quando ele parou no degrau mais alto e olhou para cima, na rua? Eu apostaria mais grana que ele está olhando para o posto Sunoco. O Sunoco é de propriedade e

gerenciado por Sonny Jackett, e os dois se estranham desde que Eddie levou o carro para lá dois anos atrás para que olhassem o sistema de transmissão.

Eu me lembro bem daquele carro. Era um Honda Civic, sem nada de especial além do fato de ser especial para o Eddie, já que foi o primeiro e único carro zero que ele teve na vida. E Sonny não só fez um trabalho ruim como cobrou caro demais pelo que fez. Esse é o lado do *Eddie* da história. Warburton está usando a cor de sua pele para ver se consegue me fazer não cobrar — esse é o lado do *Sonny* da história. Você sabe como é, não sabe?

Bom, Sonny Jackett levou Eddie Warburton ao tribunal de pequenas causas e houve uma gritaria, primeiro no tribunal e depois no corredor do lado de fora. Eddie disse que Sonny o chamou de crioulo burro e Sonny disse: Bom, eu não chamei ele de crioulo, mas o resto é verdade. No final, nenhum dos dois ficou satisfeito. O juiz fez Eddie pagar cinquenta pratas, que Eddie disse que passava do limite em cinquenta pratas e Sonny disse que não chegava nem perto de cobrir o problema. Pouco tempo depois, houve um incêndio de origem elétrica no carro novo do Eddie e, no fim, o Civic do Eddie foi parar no ferro-velho que fica na Estrada Municipal 5 e agora o Eddie está dirigindo um Oldsmobile 1989 com vazamento de óleo. Eddie nunca superou a ideia de que Sonny Jackett sabe bem mais sobre aquele incêndio de origem elétrica do que falou.

Rapaz, as pessoas se divertem mais do que todo mundo, menos os cavalos, e eles não conseguem se divertir. Isso não é mais do que dá para aguentar em um dia quente?

Mas é só vida de cidade pequena; seja Peyton Place ou Grover's Corner ou Castle Rock, são só pessoas comendo torta, tomando café e falando sobre os outros por trás das mãos. Ali está Slopey Dodd,

completamente sozinho porque os outros garotos debocham da gagueira dele. Ali está Myrtle Keeton, e se ela parece um pouco solitária e confusa, como se não soubesse direito onde está e nem o que está acontecendo, é porque o marido dela (o sujeito que você viu subindo a escada do fórum atrás do Eddie) está estranho há uns seis meses, mais ou menos. Está vendo como os olhos dela estão inchados? Acho que andou chorando, ou não está dormindo bem, ou as duas coisas, não acha?

E lá vai Lenore Potter, parecendo ter acabado de sair de uma caixa. Ela está indo até a loja Western Auto, sem dúvida, para ver se o fertilizante orgânico especial dela já chegou. Aquela mulher tem mais tipos de flores crescendo em volta de casa do que a Carter faz pílulas para o fígado. Morre de orgulho delas. Ela não é muito querida entre as mulheres desta cidade; elas a acham arrogante, com as flores e as miçangas que mudam de cor com o humor e o permanente de setenta dólares lá de Boston. Elas a acham arrogante e vou contar um segredo, já que estamos só sentados aqui lado a lado nessa escada cheia de farpas do coreto. Eu acho que as mulheres estão certas.

Tudo bem comum, acho que você diria, mas nem todos os nossos problemas em Castle Rock são comuns; tenho que deixar isso bem claro. Ninguém esqueceu Frank Dodd, o guarda que ficou maluco aqui doze anos atrás e matou aquelas mulheres, e ninguém esqueceu o cachorro, o que pegou raiva e matou Joe Camber e o velho veterano que morava perto. O cachorro também matou o bom xerife George Bannerman. Alan Pangborn está nessa função atualmente e ele é um bom homem, mas nunca vai chegar aos pés do Big George aos olhos da cidade.

E também não houve nada de comum no que aconteceu com Reginald “Pop” Merrill; Pop era o velho pão-duro dono daquela loja de tralhas. O Emporium Galorium, esse era o nome. Ficava naquele terreno baldio ali do outro lado da rua. O local pegou fogo um tempo atrás, mas tem gente

na cidade que viu (ou alega ter visto, pelo menos) e que pode te contar, depois de umas cervejas no Tigre Meloso, que foi bem mais do que um simples incêndio que destruiu o Emporium Galorium e tirou a vida de Pop Merrill.

O sobrinho dele, Ace, diz que aconteceu uma coisa sinistra com o tio antes do tal incêndio, uma coisa no estilo *Além da imaginação*. Claro que Ace nem estava aqui quando o tio bateu as botas; ele estava terminando a pena de quatro anos na prisão Shawshank por invasão de domicílio. (Todo mundo sempre soube que Ace Merrill não seria boa coisa; quando estava na escola, ele foi um dos piores valentões que esta cidade já viu e deve haver uns cem garotos e garotas que atravessavam para o outro lado da rua quando viam Ace andando na direção deles com as fivelas e zíperes da jaqueta de motoqueiro tilintando e os saltos das botas de motoqueiro estalando na calçada.) Mas as pessoas acreditam nele, sabe; talvez tenha havido mesmo algo de estranho no que aconteceu com Pop naquele dia, ou talvez seja só mais uma dessas conversas na Nan acompanhadas de xícaras de café e fatias de torta.

Aqui é igual ao lugar onde você passou a infância, provavelmente. As pessoas ficam de cabeça quente por causa de religião, as pessoas carregam tochas, as pessoas guardam segredos, outras guardam ressentimentos... e tem até uma história sinistra de vez em quando, como o que pode ou não ter acontecido no dia em que Pop morreu na loja de tralhas, para animar um ocasional dia tedioso. Castle Rock ainda é um bom lugar para viver e crescer, como diz a placa que você vê quando chega à cidade. O sol brilha lindo no lago e nas folhas das árvores, e num dia limpo dá para ver até Vermont do alto de Castle View. Os veranistas brigam por causa dos jornais no domingo e há uma briga ocasional no estacionamento do Tigre Meloso nas noites de sexta ou sábado (às vezes, nas duas), mas eles sempre vão embora e as brigas

sempre terminam. Rock sempre foi um dos *bons* lugares, e quando as pessoas ficam irritadas, sabe o que dizemos? Nós dizemos *Ele vai superar* ou *Ela vai superar*.

Henry Beaufort, por exemplo, está cansado de Hugh Priest chutando a jukebox quando fica bêbado... mas Henry vai superar. Wilma Jerzyck e Nettie Cobb estão com raiva uma da outra... mas Nettie vai superar (provavelmente), e ficar com raiva é só um estilo de vida para Wilma. O xerife Pangborn ainda sente falta da esposa e do filho mais novo, que morreram antes da hora, e foi uma grande tragédia mesmo, mas ele vai superar com o tempo. A artrite de Polly Chalmers não está melhorando; na verdade está piorando aos poucos. E ela talvez não supere, mas vai aprender a viver com o problema. Milhões aprenderam.

Nós nos esbarramos de vez em quando, mas em geral as coisas vão bem. Ou sempre foram, até agora. Mas tenho que contar um segredo *de verdade*, camarada; foi por isso que chamei você aqui quando vi que tinha voltado para a cidade. Acho que tem um problema, um problema *de verdade*, chegando aqui. Sinto o cheiro vindo do horizonte, como uma tempestade fora de época cheia de relâmpagos. A briga entre os batistas e os católicos por causa da Noite do Cassino, os garotos que deboçam do pobre Slopey por causa da gagueira, a tocha de John LaPointe, a dor do xerife Pangborn... Acho que essas coisas vão parecer pequenas perto do que está por vir.

Está vendo aquele prédio do outro lado da rua Principal? O que fica três casas depois do terreno baldio onde ficava o Emporium Galorium? Com um toldo verde na frente? É, aquele. As janelas estão embaçadas porque ainda não abriu. ARTIGOS INDISPENSÁVEIS, diz a placa; o que isso quer dizer? Também não sei, mas é de lá que a sensação ruim parece vir.

Bem de lá.

Olhe para a rua mais uma vez. Está vendo aquele garoto, né? O que está andando com a bicicleta e parece estar tendo a fantasia mais doce que um garoto pode ter? Fique de olho nele, camarada. Acho que é ele que vai começar.

Não, como eu disse, eu não sei o quê... não exatamente. Mas fique de olho no garoto. E fique aqui mais um tempo, está bem? As coisas parecem *erradas*, e se algo acontecer, pode ser bom haver uma testemunha.

Eu conheço aquele garoto, o que está empurrando a bicicleta. Talvez você também conheça. O nome dele é Brian alguma coisa. O pai dele instala molduras e portas em Oxford ou South Paris, eu acho.

Fique de olho nele, estou dizendo. Fique de olho em *tudo*. Você já esteve aqui, mas as coisas estão prestes a mudar.

Eu sei.

Eu *sinto*.

Tem uma tempestade chegando.

PARTE UM A GRANDE INAUGURAÇÃO



UM

1

Em cidades pequenas, a inauguração de uma loja é um grande acontecimento.

Embora não fosse tão importante para Brian Rusk como era para alguns; a mãe dele, por exemplo. Ele a tinha ouvido falando sobre o assunto (ele não podia chamar de fofoca, ela dissera, porque fofoca era um hábito feio que ela não tinha) pelo telefone com a melhor amiga, Myra Evans, durante o último mês, mais ou menos. Os primeiros pedreiros chegaram ao prédio antigo que tinha abrigado por último a Western Maine Imóveis e Seguros na época em que as aulas começaram e ficaram trabalhando sem parar desde então. Não que as pessoas tivessem ideia do que estavam fazendo lá; o primeiro ato deles foi botar uma vitrine enorme e o segundo foi deixá-la opaca.

Duas semanas antes, uma placa apareceu na porta, pendurada por um barbante preso em uma ventosa transparente.

INAUGURAÇÃO EM BREVE!,

dizia a placa.

ARTIGOS INDISPENSÁVEIS

UM NOVO TIPO DE LOJA

“Você não vai acreditar nos seus olhos!”

— Vai ser só mais uma loja de antiguidades — disse a mãe de Brian para Myra. Cora Rusk estava reclinada no sofá na ocasião, segurando o telefone com uma das mãos e comendo cerejas cobertas de chocolate com a outra enquanto assistia à novela *Santa Barbara* na televisão. — Mais uma loja de antiguidades com muitos móveis antigos falsos e telefones à manivela mofados. Espere só pra ver.

Isso foi pouco depois que a nova vitrine foi instalada e deixada opaca, e sua mãe falou com tanta segurança que Brian teve certeza de que o assunto estava encerrado. Só que, com a sua mãe, nenhum assunto parecia ficar encerrado de vez. As especulações e suposições pareciam tão infinitas quanto os problemas dos personagens de *Santa Barbara* e *General Hospital*.

Na semana anterior, a primeira linha da placa pendurada na porta foi alterada:

INAUGURAÇÃO DIA 9 DE OUTUBRO — TRAGAM SEUS AMIGOS!

Brian não estava tão interessado na loja nova quanto a mãe (e alguns professores; ele os ouviu conversando sobre a loja na sala dos professores da escola primária de Castle Rock quando foi sua vez de trabalhar de carteiro), mas ele tinha onze anos, e um garoto saudável de onze anos se interessa por qualquer novidade. Além do mais, o nome do lugar o fascinava. Artigos Indispensáveis: o que exatamente isso queria dizer?

Ele tinha lido a primeira linha trocada na terça-feira anterior, na volta da escola. As tardes de terça eram quando ele voltava tarde. Brian nasceu com lábio leporino, e apesar de ter passado por uma cirurgia corretiva aos sete anos, ele ainda precisava fazer terapia com uma fonoaudióloga. Alegava com firmeza que odiava aquilo para todo mundo que perguntasse, mas na verdade não odiava. Estava profundamente apaixonado pela srta. Ratcliffe e esperava a semana toda que a aula

especial chegasse. A terça-feira na escola parecia durar mil anos e ele sempre passava as últimas duas horas com um frio gostoso na barriga.

Só havia mais quatro alunos na turma e nenhum deles morava do mesmo lado da cidade que Brian. Ele achava isso bom. Depois de uma hora na mesma sala com a srta. Ratcliffe, se sentia exaltado demais para ter companhia. Preferia voltar para casa devagar no fim da tarde, normalmente empurrando a bicicleta em vez de pedalando, sonhando com ela enquanto folhas amarelas e douradas caíam em volta dele nos raios inclinados do sol de outubro.

O caminho o levava por três quarteirões da rua Principal do outro lado da praça da cidade, e no dia em que viu a placa anunciando a abertura da loja, ele botou o nariz no vidro da porta, na esperança de ver o que tinha substituído as mesas pesadas e as paredes amarelas industriais da falecida Western Maine Imóveis e Seguros. Sua curiosidade foi derrotada. Havia uma persiana, puxada até embaixo. Brian não viu nada além do rosto e das mãos refletidas.

Na sexta-feira, dia 4, colocaram uma propaganda da loja nova no jornal semanal de Castle Rock, o *Call*. Estava com uma moldura de babados e abaixo da parte impressa havia um desenho de anjos, um de costas para o outro, tocando trompetes compridos. A propaganda não dizia nada que não pudesse ser lido na placa pendurada na ventosa: o nome da loja era Artigos Indispensáveis, abriria para atendimento às dez horas da manhã do dia 9 de outubro e, claro, “Você não vai acreditar nos seus olhos”. Não havia a menor dica de que tipo de mercadoria o proprietário ou os proprietários da Artigos Indispensáveis pretendiam comercializar.

Isso pareceu deixar Cora Rusk bem irritada... o suficiente, pelo menos, para ela fazer uma rara ligação de sábado de manhã para Myra.

— Eu vou acreditar sim nos *meus* olhos — dissera ela. — Quando vir as *camas de balaústres* que em teoria têm *duzentos anos*, mas apresentam Rochester, *Nova York*, carimbado nas *molduras* para quem se der ao trabalho de baixar a *cabeça* e olhar embaixo da *colcha* ver, eu vou acreditar nos meus olhos *direitinho*.

Myra disse alguma coisa. Cora escutou enquanto pegava amendoins em uma lata e mastigava rapidamente. Brian e seu irmãozinho, Sean, estavam sentados no chão da sala vendo desenho. Sean estava completamente imerso no mundo dos Smurfs, e Brian não estava totalmente alheio à comunidade de pessoinhas azuis, mas ficou com um ouvido ligado na conversa.

— *Ce-erto!* — exclamara Cora Rusk, com mais segurança e ênfase do que o habitual, quando Myra fez algum comentário particularmente afiado. — Preços altos e telefones de manivela mofados!

No dia anterior, segunda-feira, Brian tinha atravessado o centro logo depois da aula com dois ou três amigos. Eles estavam do outro lado da rua da loja nova e ele viu que durante o dia alguém tinha instalado um toldo verde-escuro. Na frente, com letras brancas, havia as palavras ARTIGOS INDISPENSÁVEIS. Polly Chalmers, a dona da loja de costura, estava parada na calçada com as mãos nos quadris admiravelmente estreitos, olhando para o toldo com uma expressão que parecia ser igualmente de perplexidade e admiração.

Brian, que sabia um pouco sobre toldos, também o admirou. Era o único toldo *de verdade* na rua Principal e dava à loja nova uma aparência especial. A palavra “sofisticada” ainda não fazia parte do vocabulário ativo dele, mas ele soube na mesma hora que não havia outra loja igual em Castle Rock. O toldo a fazia parecer uma loja que poderia ser vista num programa de televisão. A loja Western Auto do outro lado da rua parecia deselegante e interiorana em comparação.

Quando chegou em casa, sua mãe estava no sofá, assistindo a *Santa Barbara*, comendo biscoitos recheados Little Debbie e tomando Coca Diet. Sua mãe sempre tomava refrigerante diet enquanto assistia aos programas da tarde. Brian não sabia bem o porquê, considerando o que ela comia junto, mas achava que seria perigoso perguntar. Ela talvez até acabasse gritando com ele, e quando sua mãe começava a gritar, era melhor procurar abrigo.

— Ei, mãe! — disse ele, jogando os livros na bancada e tirando o leite da geladeira. — Adivinha! Tem toldo na loja nova.

— Todo o quê? — A voz dela veio da sala.

Ele serviu leite no copo e apareceu na porta.

— *Toldo* — disse ele. — Na loja nova na rua Principal.

Ela se sentou mais ereta, procurou o controle remoto e apertou o botão do mudo. Na tela, Al e Corinne estavam falando sobre os problemas de Santa Barbara em seu restaurante favorito em Santa Barbara, mas agora só um leitor de lábios poderia saber quais exatamente eram esses problemas.

— O quê? Aquela tal de Artigos Indispensáveis?

— Aham — disse ele, e tomou um pouco de leite.

— Não faz *barulho* — disse ela, enfiando o resto do biscoito na boca.

— É *nojento*. Quantas vezes eu já falei?

A mesma quantidade de vezes que me mandou não falar de boca cheia, pensou Brian, mas não disse nada. Tinha aprendido o controle verbal bem cedo.

— Desculpa, mãe.

— Que tipo de toldo?

— Verde.

— De alumínio ou de metal?

Brian, cujo pai era vendedor de revestimentos da Companhia Dick Perry de Revestimentos e Portas em South Paris, sabia exatamente de que ela estava falando, mas se fosse *aquela* tipo de toldo, ele não teria nem reparado. Os toldos de alumínio e de metal estavam em toda parte. Metade das casas de Rock tinha um na janela.

— Nenhum dos dois — disse ele. — De pano. Acho que é lona, fica com sombra embaixo. E é redondo, assim. — Ele curvou as mãos (com cuidado, para não derramar leite) em um semicírculo. — O nome foi impresso na ponta. É realmente incrível.

— Macacos me mordam!

Essa era a expressão com a qual Cora costumava manifestar empolgação ou exasperação. Brian deu um passo cauteloso para trás, para o caso de ser a segunda opção.

— O que você acha que é, mãe? Um restaurante, será?

— Não sei — disse ela, e pegou o telefone na mesa de canto. Ela teve que afastar o gato Squeebles, a revista *TV Guide* e um quarto de Coca Diet para pegá-lo. — Mas parece questionável.

— Mãe, o que Artigos Indispensáveis quer dizer? Parece...

— Não me incomode agora, Brian, a mamãe está ocupada. Tem bolinho recheado Devil Dog na caixa de pão, se quiser. Mas só um, senão você não vai jantar. — Ela já estava discando para Myra, e em pouco tempo elas começaram a discutir o toldo verde com grande entusiasmo.

Brian, que não queria bolinho recheado (amava muito a mãe, mas, às vezes, vê-la comer tirava seu apetite), se sentou à mesa da cozinha, abriu o livro de matemática e começou a fazer os problemas de dever de casa; ele era um garoto inteligente e responsável e o dever de matemática era o único que ele não tinha terminado na escola. Enquanto movia decimais metodicamente e fazia divisões, ele ouvia as falas da mãe na conversa. Ela estava novamente contando para Myra que em pouco tempo eles

teriam *outra* loja vendendo frascos de *perfume* velhos e fedidos e quadros dos *parentes* mortos de alguém, e era uma pena como essas coisas iam e vinham. Havia gente demais por aí, Cora dissera, cujo lema na vida era pegar o dinheiro e fugir. Quando ela falou do toldo, parecia que alguém a tinha tentado ofender pessoal e deliberadamente e teve um sucesso esplêndido na missão.

Acho que ela pensa que alguém tinha que contar para ela, Brian pensou enquanto o lápis se movia com firmeza, descendo e fechando a conta. Sim, era isso. Estava curiosa, essa era a primeira coisa. E estava irritada, essa era a segunda. A combinação das duas coisas estava acabando com ela. Bom, ela descobriria em breve. Quando descobrisse, talvez contasse o grande segredo para ele. E, se ela estivesse ocupada demais, ele se viraria só ouvindo uma das conversas vespertinas dela com Myra.

Mas, no fim das contas, Brian descobriu muita coisa sobre a Artigos Indispensáveis antes da sua mãe ou de Myra ou de qualquer outra pessoa em Castle Rock.

2

Ele mal pedalou na volta para casa depois da aula na tarde anterior ao dia marcado para a inauguração da Artigos Indispensáveis; estava perdido em uma fantasia quente (que não confessaria nem se estivesse sendo coagido com carvões quentes e tarântulas peludas) na qual convidava a srta. Ratcliffe para ir com ele à Feira do Condado de Castle e ela aceitava.

— Obrigada, Brian — diz a srta. Ratcliffe, e Brian vê pequenas lágrimas de gratidão nos cantos dos olhos azuis, olhos tão escuros que parecem quase tempestuosos. — Eu ando... bom, meio triste ultimamente. É que perdi meu amor, sabe.

— Vou te ajudar a esquecer ele — diz Brian, a voz grossa e carinhosa ao mesmo tempo — se você me chamar de... Bri.

— Obrigada — sussurra ela e, chegando perto o suficiente para ele sentir o perfume, um aroma sonhador de flores do campo, ela diz: — Obrigada... Bri. E como, ao menos esta noite, nós vamos ser menina e menino em vez de professora e aluno, pode me chamar de... Sally.

Ele segura as mãos dela. Olha em seus olhos.

— Eu não sou apenas um garoto — diz ele. — Posso te ajudar a esquecer ele... Sally.

Ela parece quase hipnotizada por essa compreensão inesperada, por essa maturidade inesperada; ele pode ter só onze anos, ela pensa, mas é mais homem do que Lester era! As mãos dela apertam as dele. Os rostos se aproximam... ainda mais...

— Não — murmura ela, e agora os olhos estão tão arregalados e tão próximos que ele parece quase se afogar neles —, você não pode fazer isso, Bri... é errado...

— É o certo, gata — diz ele, e toca os lábios nos dela.

Ela se afasta depois de uns momentos e sussurra com carinho:

— Ei, garoto, olha pra onde anda!

Arrancado do devaneio, Brian percebeu que tinha entrado na frente da picape de Hugh Priest.

— Desculpa, sr. Priest — disse ele, ficando muito vermelho.

Hugh Priest era uma pessoa que ninguém nunca queria irritar. Ele trabalhava para o Departamento de Serviços Públicos e tinha a reputação de ter o pior temperamento de Castle Rock. Brian o observou com atenção. Se ele começasse a sair da picape, Brian planejava pular na bicicleta e sumir pela rua Principal na velocidade da luz. Não tinha interesse em passar um mês no hospital só porque estava fantasiando sobre ir à Feira do Condado com a srta. Ratcliffe.

Mas Hugh Priest estava com uma garrafa de cerveja entre as pernas, Hank Williams Jr. no rádio cantando “High and Pressurized” e a situação toda estava meio confortável demais para algo tão radical quanto dar uma surra num garotinho numa tarde de terça.

— Abre teu olho — disse ele, tomando um gole de cerveja e olhando para Brian com expressão sombria —, porque, da próxima vez, não vou parar. Vou te atropelar no meio da rua. Vou te fazer gritar, rapazinho.

Ele engatou a marcha da picape e saiu dirigindo. Brian sentiu uma vontade insana (e misericordiosamente breve) de gritar *Macacos me mordam!* para ele. Esperou até a picape laranja da manutenção de estradas entrar na rua Linden e seguiu caminho. Mas a fantasia com a srta. Ratcliffe já tinha sido estragada. Hugh Priest tinha trazido a realidade de volta. A srta. Ratcliffe não tinha brigado com o noivo, Lester Pratt; ela ainda usava o anel de noivado com o diamante azul e dirigia o Mustang azul dele enquanto esperava que seu carro voltasse da oficina.

Brian tinha visto a srta. Ratcliffe e o sr. Pratt na noite anterior, pregando aqueles pôsteres que diziam OS DADOS E O DIABO nos postes telefônicos da parte inferior da rua Principal junto com algumas outras pessoas. Elas estavam cantando hinos religiosos. Só que os católicos passaram por lá assim que eles acabaram e arrancaram tudo. Era engraçado, de certa forma... mas, se fosse maior, Brian teria se esforçado para proteger os pôsteres que a srta. Ratcliffe prendeu com suas mãos sagradas.

Brian pensou nos olhos azul-escuros, nas pernas compridas de bailarina, e sentiu o mesmo assombro melancólico que sempre sentia quando se dava conta de que, chegando janeiro, ela pretendia mudar de Sally Ratcliffe, que era lindo, para Sally Pratt, que, para Brian, parecia o nome de uma mulher gorda caindo por um lance curto de escadas.

Bom, pensou ele, chegando do outro lado e descendo lentamente a rua Principal, talvez ela mude de ideia. Não é impossível. Pode ser também que Lester Pratt sofra um acidente de carro ou tenha um tumor cerebral ou alguma coisa assim. Pode até ser que ele seja viciado em drogas. A srta. Ratcliffe nunca se casaria com um viciado em drogas.

Esses pensamentos deram a Brian um consolo estranho, mas não mudaram o fato de que Hugh Priest tinha abortado a fantasia um pouco antes do apogeu (beijar a srta. Ratcliffe e *tocar no seio direito dela* quando eles estivessem no Túnel do Amor, na feira). Era uma ideia bem louca, um garoto de onze anos levando a professora à Feira do Condado. A srta. Ratcliffe era bonita, mas também era velha. Ela tinha dito para as crianças da fonoterapia uma vez que faria vinte e quatro anos em novembro.

Assim, Brian dobrou cuidadosamente a fantasia, como um homem dobraria um documento muito manuseado e valioso, e a guardou na prateleira no fundo da mente, onde era seu lugar. Então se preparou para montar na bicicleta e pedalar o resto do caminho até em casa.

Mas estava passando pela loja nova naquele momento e a placa na porta chamou sua atenção. Alguma coisa tinha mudado. Ele parou a bicicleta e olhou.

INAUGURAÇÃO DIA 9 DE OUTUBRO — TRAGAM SEUS AMIGOS!

Essa parte, que ficava no alto, tinha sumido. Tinha sido substituída por uma plaquinha quadrada, com letras vermelhas sobre um fundo branco.

ABERTO, dizia.

ABERTO era tudo que estava escrito. Brian ficou parado, a bicicleta entre as pernas, olhando, e seu coração começou a bater um pouco mais rápido.

Você não vai entrar, vai?, ele perguntou a si mesmo. Mesmo que *esteja* abrindo um dia antes, você não vai entrar, certo?

Por que não?, ele respondeu a si mesmo.

Bom... porque a vitrine ainda está opaca. A persiana da porta ainda está fechada. Se você entrar, qualquer coisa pode acontecer com você. *Qualquer coisa.*

Claro. Como se o dono fosse o Norman Bates, sei lá, usando as roupas da mãe para esfaquear os clientes. *Claaaaro.*

Bom, esquece isso, disse a parte tímida da mente dele, embora essa parte já parecesse saber que tinha perdido. Tem *alguma coisa* estranha nisso.

Mas então Brian pensou sobre contar aquilo para a mãe. Dizer distraidamente: “Aliás, mãe, sabe aquela loja nova, a Artigos Indispensáveis? Bom, abriu um dia antes. Eu entrei e dei uma olhada”.

Ela apertaria o mudo do controle remoto correndo, com certeza! Ia querer saber tudo!

Esse pensamento foi demais para Brian. Ele baixou o descanso da bicicleta e foi lentamente até a sombra do toldo; parecia uns dez graus mais fresco ali. E se aproximou da porta da Artigos Indispensáveis.

Quando botou a mão na maçaneta antiquada de metal, passou pela cabeça dele que a placa devia estar errada. Devia estar virada para dentro, esperando o dia seguinte, e alguém mexeu nela sem querer. Ele não ouvia ruído nenhum atrás da persiana fechada; o lugar parecia deserto.

Mas, como tinha ido até ali, experimentou a maçaneta... que girou facilmente na mão dele. A lingueta se soltou e a porta da Artigos Indispensáveis se abriu.

O interior estava na penumbra, mas não escuro. Brian viu que spots de luz em trilho (especialidade da Companhia Dick Perry de Revestimentos e Portas) tinham sido instalados e alguns deles estavam acesos. Estavam apontados para várias estantes de vidro, espalhadas pela sala grande. A maioria das estantes estava vazia. Os spots estavam direcionados aos poucos *pontos ocupados* por objetos expostos.

O piso, que era de madeira na época da Western Maine Imóveis e Seguros, tinha sido coberto de parede a parede com um tapete vinho. As paredes tinham sido pintadas de branco casca de ovo. Uma luz fraca, tão branca quanto as paredes, entrava pela vitrine opaca.

Bom, foi engano mesmo, pensou Brian. Ele nem botou a mercadoria em exposição ainda. Quem botou a placa de ABERTO na porta por engano também deixou a porta destrancada por engano. A coisa educada de se fazer nessas circunstâncias seria fechar a porta, subir na bicicleta e ir embora.

Mas ele estava relutante em ir embora. Afinal, estava *vendo* o interior da loja nova. Sua mãe conversaria com ele o resto da tarde quando soubesse disso. A parte irritante era que ele não sabia bem o que estava vendo. Havia umas seis

(*evidências*)

coisas nas estantes e os spots estavam apontados para elas, uma espécie de teste, provavelmente, mas ele não sabia o que eram. Só sabia o que *não eram*: camas de balaústres e telefones de manivela mofados.

— Oi — disse ele com insegurança, ainda parado na porta. — Tem alguém aí?

Ele estava prestes a segurar a maçaneta de novo e fechar a porta quando uma voz respondeu:

— *Eu* estou aqui.

Uma figura alta, que a princípio pareceu ser *impossivelmente* alta, surgiu por uma porta atrás de uma das estantes. A passagem ficava protegida por uma cortina de veludo escuro. Brian sentiu uma câimbra momentânea e monstruosa de medo. Mas o brilho de um dos spots atingiu o rosto do homem e o medo passou. O sujeito era bem velho e tinha um rosto muito gentil. Ele olhou para Brian com interesse e prazer.

— Sua porta estava destrancada — disse Brian —, então achei...

— *Claro* que está destrancada — disse o homem alto. — Decidi abrir um pouco esta tarde como uma espécie de... prévia. E você é meu primeiro cliente. Entre, meu amigo. Entre livremente e deixe um pouco da felicidade que você traz!

Ele sorriu e esticou a mão. O sorriso era contagiante. Brian gostou instantaneamente do proprietário da Artigos Indispensáveis. Ele precisou passar pela porta e entrar na loja para apertar a mão do homem alto e fez isso sem a menor hesitação. A porta se fechou atrás dele sozinha. Brian não reparou. Estava ocupado demais reparando que os olhos do homem alto eram azul-escuros... exatamente do mesmo tom dos olhos da srta. Sally Ratcliffe. Eles poderiam ser pai e filha.

O aperto do homem alto era forte e seguro, mas não machucou. Ao mesmo tempo, houve algo de desagradável no toque. Algo... *liso*. Duro demais, parecia.

— É um prazer conhecer o senhor — disse Brian.

Os olhos azul-escuros observaram seu rosto como lanternas.

— Estou igualmente satisfeito em conhecer você — disse o homem alto, e foi assim que Brian Rusk conheceu o proprietário da Artigos Indispensáveis antes de todo mundo em Castle Rock.

— Meu nome é Leland Gaunt — disse o homem alto. — E você é...?

— Brian. Brian Rusk.

— Muito bem, sr. Rusk. E como você é meu primeiro cliente, acho que posso oferecer um preço muito especial em qualquer item que chame sua atenção.

— Ah, obrigado, mas acho que não posso comprar nada em um lugar assim. Só vou receber minha mesada na sexta-feira e... — Ele olhou com dúvida para as estantes de vidro novamente. — Bom, parece que o senhor não botou todo o seu estoque na loja ainda.

Gaunt sorriu. Seus dentes eram tortos e pareciam bem amarelos na luz fraca, mas Brian achou o sorriso encantador mesmo assim. Mais uma vez, se viu quase obrigado a retribuí-lo.

— Não — disse Leland Gaunt. — Não botei. A maioria do meu... estoque, como você diz, vai chegar no fim da tarde. Mas já tenho alguns itens interessantes. Dê uma olhada, jovem sr. Rusk. Eu adoraria ouvir sua opinião, pelo menos... e imagino que você tenha mãe, não é? Claro que tem. Um rapazinho ótimo como você não pode ser órfão. Estou certo?

Brian assentiu, ainda sorrindo.

— Claro. Minha mãe está em casa agora. — Uma ideia surgiu na cabeça dele. — Quer que eu traga ela aqui?

Mas assim que a proposta saiu, ele se arrependeu. Não *queria* levar a mãe até lá. No dia seguinte, o sr. Leland Gaunt pertenceria à cidade inteira. A partir daí, sua mãe e Myra Evans ficariam em cima dele, assim como todas as outras mulheres de Castle Rock. Brian achava que o sr. Gaunt deixaria de parecer tão estranho e diferente antes do fim do mês, talvez até antes do fim da *semana*, mas no momento ainda *era*, e no momento pertencia a Brian Rusk e só a Brian Rusk, e ele queria que continuasse assim.

Por isso, ficou satisfeito quando o sr. Gaunt levantou a mão (os dedos eram muito finos e muito longos, e Brian reparou que o primeiro e o segundo eram exatamente do mesmo tamanho) e balançou a cabeça.

— De jeito nenhum — disse ele. — É isso que eu *não* quero. Ela sem dúvida ia querer trazer uma amiga, não é?

— É — disse Brian, pensando em Myra.

— Talvez até *duas* amigas ou três. Não, assim é melhor, Brian. Posso te chamar de Brian?

— Claro — disse Brian, achando graça.

— Obrigado. E você vai me chamar de sr. Gaunt, já que sou mais velho, embora não necessariamente superior. Combinado?

— Claro.

Brian não sabia bem o que o sr. Gaunt queria dizer com esse papo de mais velho e superior, mas estava *adorando* ouvir aquele cara falar. E os olhos dele eram incríveis; Brian não conseguia desviar os dele.

— Ah, assim é bem melhor. — O sr. Gaunt esfregou as mãos compridas e o som que saiu foi um chiado. Disso Brian não gostou tanto. As mãos do sr. Gaunt esfregadas daquele jeito pareciam uma cobra chateada, pensando em picar. — Você vai contar pra sua mãe, quem sabe até mostrar pra ela o que comprou, se comprar alguma coisa...

Brian pensou em contar ao sr. Gaunt que tinha um total de noventa e um centavos no bolso, mas decidiu não falar nada.

— ... e ela vai contar pras amigas *dela*, e elas vão contar pras amigas *delas*... entende, Brian? Você vai ser uma propaganda melhor do que o jornal da cidade poderia *pensar* em ser! Eu não poderia fazer melhor se te contratasse pra andar pelas ruas da cidade usando um painel sanduíche!

— Bom, se o senhor acha — concordou Brian. Ele não tinha ideia do que era um painel sanduíche, mas tinha quase certeza de que não usaria um nem morto. — *Seria* divertido mesmo dar uma olhada. — *No pouco*

que tem para olhar foi o que ele não disse porque era um menino educado.

— Então pode começar a olhar! — disse o sr. Gaunt, indicando as estantes. Brian reparou que ele estava usando um paletó comprido de veludo vermelho. Achava que talvez fosse um paletó do tipo que Sherlock Holmes usava nas histórias que ele lia. Era muito elegante. — Fique à vontade, Brian!

Brian andou lentamente até a vitrine mais perto da porta. Olhou para trás, seguro de que o sr. Gaunt estaria indo junto, mas o sr. Gaunt ainda estava junto à porta, olhando para ele achando graça. Era como se tivesse lido a mente de Brian e descoberto o quanto ele detestava que um dono de loja ficasse andando atrás enquanto ele olhava as coisas. Achava que a maioria dos lojistas tinha medo de que quebrassem alguma coisa, pegassem alguma coisa, ou ambos.

— Leve o tempo que precisar — disse o sr. Gaunt. — Comprar é uma alegria quando se tem tempo, Brian, e um saco quando não se tem.

— O senhor é de outro país? — perguntou Brian. O uso que o sr. Gaunt fez de “se” em vez de “você” o interessou. Lembrava o coroa bonito que apresentava o programa *Masterpiece Theatre*, que sua mãe assistia às vezes se a revista *TV Guide* dissesse que seria uma história romântica.

— Eu sou de Akron.

— Isso é na Inglaterra?

— É em Ohio — disse Leland Gaunt com seriedade, mas logo mostrou os dentes fortes e irregulares em um sorriso iluminado.

Brian achou engraçado, da mesma forma que falas de programas de televisão como *Cheers* lhe pareciam engraçadas. Na verdade, aquela coisa toda dava a sensação de que ele tinha entrado num programa de

televisão, um programa meio misterioso, mas não ameaçador. Ele caiu na gargalhada.

Por um momento, teve medo de que o sr. Gaunt o achasse grosseiro (talvez porque sua mãe estivesse sempre o acusando de grosseria, e como resultado Brian tinha passado a acreditar que vivia em uma teia de aranha enorme e quase invisível de etiqueta social), mas logo o sujeito se juntou a ele. Os dois riram juntos, e Brian não conseguia lembrar quando tinha tido uma tarde tão agradável como aquela estava sendo.

— Pode ir olhar — disse o sr. Gaunt, balançando a mão. — Vamos trocar histórias outra hora, Brian.

Brian olhou. Só havia cinco itens na vitrine maior, onde parecia que caberiam uns vinte ou trinta. Um era um cachimbo. Outro era uma fotografia do Elvis Presley usando o lenço vermelho e o macacão branco com o tigre nas costas. O Rei (era assim que sua mãe sempre se referia a ele) estava segurando um microfone junto aos lábios carnudos. O terceiro item era uma câmera Polaroid. O quarto era uma pedra polida com um buraco cheio de pontinhos de cristal no meio. Eles captavam a luz e brilhavam lindamente sob a iluminação do spot. O quinto era uma lasca de madeira do comprimento e grossura de um dos dedos de Brian.

Ele apontou para o cristal.

— Isso é um geodo, não é?

— Você é um jovem sabido, Brian. É exatamente isso. Tenho plaquinhas pra maioria dos meus itens, mas ainda não foi desempacotada... como a maior parte do estoque. Vou ter que trabalhar como um louco pra poder abrir amanhã. — Mas ele não pareceu preocupado e sim perfeitamente satisfeito em ficar onde estava.

— O que é aquilo? — perguntou Brian, apontando para a lasca de madeira.

Estava pensando que era um estoque bem estranho para uma loja de cidade pequena. Ele tinha passado a gostar muito de Leland Gaunt assim que o conheceu, mas se o resto da mercadoria dele fosse assim, Brian achava que ele não ficaria em Castle Rock como comerciante por muito tempo. Quando se queria vender coisas como cachimbos e fotos do Rei e lascas de madeira, Nova York era o lugar para se abrir uma loja... ou pelo menos foi nisso que ele passou a acreditar depois dos filmes que tinha visto.

— Ah! — disse o sr. Gaunt. — *Esse item é interessante! Vou te mostrar!*

Ele atravessou a sala, contornou a vitrine, puxou um chaveiro volumoso do bolso e escolheu uma chave sem nem olhar direito. Abriu a porta da vitrine e tirou a lasca de madeira com cuidado.

— Estique a mão, Brian.

— Nossa, acho melhor não — disse Brian.

Como nativo de um estado onde o turismo é a maior indústria, ele já tinha entrado em muitas lojas de suvenires e já tinha visto muitas placas com um poeminha impresso: *Lindos de olhar/um prazer segurar/mas se você quebrar/vai ter que pagar*. Imaginava a reação horrorizada da sua mãe se ele quebrasse a lasca ou o que quer que fosse e o sr. Gaunt, não mais tão simpático, dissesse que o preço era quinhentos dólares.

— Por que não? — perguntou o sr. Gaunt, erguendo as sobrancelhas... mas só havia uma, na verdade; era peluda e passava por cima do nariz em uma linha sem interrupção.

— Bom, eu sou desastrado.

— Besteira. Eu reconheço um garoto desastrado quando vejo. Você não é desse tipo.

Ele botou a lasca na palma da mão de Brian. O menino a olhou com uma certa surpresa; não tinha nem percebido que estava com a mão

aberta até ver a lasca em cima dela.

A sensação não era de uma lasca de madeira; parecia mais...

— Parece uma pedra — disse ele em dúvida e ergueu os olhos até o sr. Gaunt.

— É madeira e pedra — disse o sr. Gaunt. — Está petrificada.

— Petrificada — repetiu Brian, maravilhado. Ele olhou para a lasca de madeira com atenção e passou o dedo pela lateral. Era lisa e irregular ao mesmo tempo. Não era uma sensação totalmente desagradável. — Deve ser velha.

— Mais de dois mil anos — concordou o sr. Gaunt com seriedade.

— *Caramba!* — exclamou Brian.

Ele pulou e quase deixou a lasca de madeira cair. Fechou a mão em volta dela para que não caísse no chão... e na mesma hora uma sensação de estranheza e distorção tomou conta dele. De repente, se sentiu... o quê? Tonto? Não; não tonto, mas *distante*. Como se uma parte dele tivesse sido erguida do corpo e levada.

Ele viu o sr. Gaunt o observando com interesse e achando graça e seus olhos de repente pareceram crescer para o tamanho de dois pires. Mas essa sensação de desorientação não foi assustadora; foi emocionante e mais agradável do que a sensação escorregadia da lasca de madeira no dedo que a explorou.

— Feche os olhos! — convidou o sr. Gaunt. — Feche os olhos, Brian, e me diga o que está sentindo!

Brian fechou os olhos e ficou parado um momento sem se mexer, o braço direito esticado, o punho segurando a lasca de madeira. Não viu o lábio superior do sr. Gaunt se erguer como o de um cachorro por cima dos dentes grandes e tortos por um momento, no que podia ser uma careta de prazer ou expectativa. Ele teve uma sensação vaga de

movimento, um movimento espiral. Um som, rápido e leve: *tutum... tutum... tutum*. Ele soube o que era o som. Era...

— Um barco! — gritou ele com prazer, sem abrir os olhos. — Parece que eu estou num barco!

— Parece mesmo — disse Gaunt, e aos ouvidos de Brian ele pareceu impossivelmente distante.

As sensações se intensificaram; agora ele sentia como se estivesse subindo e descendo em ondas longas e lentas. Ouvia o grito distante de pássaros e, mais perto, os sons de muitos animais; vacas mugindo, galos cacarejando, o grito grave e rosnado de um felino muito grande, não um som de fúria, mas de tédio. Naquele um segundo, ele quase sentiu a madeira (a mesma da qual aquela lasca já tinha sido parte, ele tinha certeza) debaixo dos pés e soube que aqueles pés não estavam usando tênis All Star, mas algum tipo de sandália, e...

De repente, começou a passar, foi diminuindo até um ponto brilhante, como a luz de uma tela de televisão quando falta energia, e sumiu. Ele abriu os olhos, abalado e eufórico.

Sua mão estava apertando tanto a lasca de madeira que ele precisou se concentrar para abrir os dedos e as juntas estalaram como dobradiças enferrujadas.

— Ah, *cara* — disse ele baixinho.

— Legal, né? — perguntou o sr. Gaunt com alegria e tirou a lasca da mão de Brian com a habilidade distraída de um médico tirando uma farpa da pele. Ele a colocou no lugar e trancou a estante com um floreio.

— Legal — concordou Brian em uma expiração longa que foi quase um sussurro.

Ele se inclinou para olhar a lasca de madeira. Sua mão ainda estava formigando um pouco no lugar onde ele a segurou. As sensações: a subida e descida do convés, a batida das ondas no casco, a madeira

debaixo dos pés... essas coisas ficaram com ele, apesar de ele achar (com um sentimento de lamento) que passariam, assim como os sonhos passam.

— Você conhece a história da arca de Noé? — perguntou o sr. Gaunt.

Brian franziu a testa. Tinha quase certeza de que era uma história da Bíblia, mas ele tinha a tendência de se distrair durante os sermões de domingo e as aulas da Bíblia nas noites de quinta.

— Aquela do barco que percorreu o mundo em oitenta dias? — perguntou ele.

O sr. Gaunt sorriu de novo.

— Mais ou menos isso, Brian. Bem perto. Bom, essa lasca é supostamente da arca de Noé. Claro que não posso dizer que *seja* da arca de Noé porque as pessoas achariam uma mentira absurda. Deve haver umas quatro mil pessoas no mundo atualmente tentando vender pedaços de madeira que alegam ser da arca de Noé... e talvez umas quatrocentas mil tentando vender pedaços da verdadeira cruz da crucificação, mas posso dizer que essa lasca tem mais de dois mil anos porque foi datada com teste do carbono e posso dizer que veio da Terra Santa, embora não tenha sido encontrada no monte Ararat, mas sim no monte Boram.

Brian se perdeu na maior parte das coisas que ele disse, mas não no fato que mais se destacava.

— Dois mil anos — sussurrou ele. — Uau! Tem certeza?

— Tenho, sim — disse o sr. Gaunt. — Tenho um certificado do M.I.T., onde foi feito o teste do carbono, e o certificado acompanha o item, claro. Mas, sabe, eu realmente acredito que *pode* ser da arca. — Ele olhou para a lasca de forma especulativa por um momento e ergueu os olhos azuis deslumbrantes para os cor de mel do garoto. Brian ficou novamente hipnotizado pelo olhar. — Afinal, o monte Boram fica a menos de trinta quilômetros em linha reta do monte Ararat, e erros

maiores do que o local de destino final de um barco, mesmo um grande assim, já foram cometidos nas muitas histórias do mundo, principalmente quando as histórias são passadas de boca em boca por gerações antes de serem finalmente registradas em papel. Não é?

— É — disse Brian. — Parece lógico.

— Além do mais... a lasca produz uma sensação estranha quando segurada. Você não acha?

— *Acho!*

O sr. Gaunt sorriu e bagunçou o cabelo do garoto, quebrando o feitiço.

— Gosto de você, Brian. Queria que todos os meus clientes pudessem se impressionar como você. A vida seria bem mais fácil pra um humilde comerciante como eu se o mundo fosse assim.

— Por quanto... por quanto o senhor venderia uma coisa assim? — perguntou Brian.

Ele apontou na direção da lasca de madeira com um dedo não muito firme. Só agora estava começando a perceber como a experiência o tinha afetado. Foi como segurar uma concha perto do ouvido e ouvir o som do mar... só que em 3D e som ambiente. Queria muito que o sr. Gaunt o deixasse segurar a lasca de novo, talvez por mais tempo, mas não sabia como pedir e ele não ofereceu.

— Ah, bom — disse o sr. Gaunt, apoiando os dedos embaixo do queixo e olhando para Brian com malícia. — Com um item assim... e com a maioria das coisas *boas* que eu vendo, as coisas realmente *interessantes*, isso dependeria do comprador. Do que o *comprador* estaria disposto a pagar. Quanto *você* estaria disposto a pagar, Brian?

— Não sei — disse Brian, pensando nos noventa e um centavos que tinha no bolso, e engoliu em seco. — *Muito!*

O sr. Gaunt inclinou a cabeça para trás e riu com gosto. Brian reparou quando ele fez isso que tinha cometido um erro sobre o homem. Quando

entrou, achou que o cabelo do sr. Gaunt era grisalho. Agora, viu que era prateado só nas têmporas. Ele devia estar embaixo de um dos spots, pensou Brian.

— Bom, isso foi muito interessante, Brian, mas eu tenho *mesmo* um monte de trabalho à frente antes das dez da manhã, então...

— Claro — disse Brian, levado de volta aos bons modos pelo susto. — Eu também tenho que ir. Desculpe ter incomodado por tanto tempo...

— Não, não, não! Você não me entendeu! — O sr. Gaunt colocou uma das mãos compridas no braço de Brian. O garoto puxou o braço. Esperava que o gesto não parecesse indelicado, mas não podia evitar. A mão do sr. Gaunt era dura e seca e meio desagradável. A sensação não foi muito diferente da lasca de madeira petrificada que supostamente era da arca de Noé, ou o que quer que fosse. Mas o sr. Gaunt estava concentrado demais para reparar no retraimento instintivo de Brian. Agiu como se ele, não Brian, tivesse cometido uma falha de etiqueta. — Eu só achei que devíamos seguir em frente. Não faz sentido você ficar olhando as outras poucas coisas que consegui desembrulhar; não são muitas e você já viu as mais interessantes. Mas tenho um bom conhecimento do meu estoque, mesmo sem uma lista na mão, e talvez haja alguma coisa que você deseja, Brian. O que você *deseja*?

— Caramba — disse Brian.

Havia *mil* coisas que ele desejaria e isso era parte do problema; quando a pergunta era aberta assim, ele não sabia dizer qual das mil ele desejaria mais.

— É melhor não pensar muito sobre essas coisas — disse o sr. Gaunt. Ele falou distraidamente, mas não havia nada de distraído nos olhos dele, que observavam o rosto de Brian com atenção. — Quando eu digo “Brian Rusk, o que você quer mais do que qualquer outra coisa no mundo neste momento?”, qual é sua resposta? Rápido!

— Sandy Koufax — respondeu Brian imediatamente.

Da mesma forma que não estava ciente de que a palma da sua mão estava aberta para receber a lasca de madeira até a lasca estar lá, também não estava ciente do que ia dizer em resposta à pergunta do sr. Gaunt até ouvir as palavras saindo da boca. Mas, assim que as ouviu, ele soube que estavam certíssimas.

5

— Sandy Koufax — disse o sr. Gaunt, pensativo. — Que interessante.

— Bom, não o Sandy Koufax em *pessoa* — esclareceu Brian —, mas o card de beisebol dele.

— O card da Topps ou da Fleers?

Brian não achava que a tarde pudesse ficar melhor, mas de repente ficou. O sr. Gaunt conhecia cards de beisebol da mesma forma que conhecia lascas de madeiras e geodos. Era incrível, realmente incrível.

— Da Topps.

— Deve ser no card dele em início de carreira que você está interessado — disse o sr. Gaunt com lamento na voz. — Acho que não posso ajudar, mas...

— Não — disse Brian. — Não de 1954. De 1956. É o que eu gostaria de ter. Tenho uma coleção de cards de beisebol de 1956. Meu pai que começou. É divertido e só uns poucos são caros: Al Kaline, Mel Parnell, Roy Campanella, de caras assim. Já tenho mais de cinquenta. Inclusive do Al Kaline. Custou trinta e oito dólares. Cortei muita grama pra comprar o Al.

— Posso imaginar — disse o sr. Gaunt com um sorriso.

— Bom, como falei, a maioria dos cards de 1956 não é muito cara. Eles custam cinco ou sete dólares, às vezes dez. Mas um Sandy Koufax

em boas condições custa noventa ou até cem dólares. Ele não foi uma grande estrela *naquele* ano, mas acabou se tornando ótimo, e isso quando os Dodgers ainda ficavam no Brooklyn. Todo mundo chamava eles de Da Bums na época. É o que o meu pai diz, pelo menos.

— Seu pai está duzentos por cento correto — disse o sr. Gaunt. — Acho que tenho uma coisa que vai te deixar feliz, Brian. Espere aqui.

Ele passou pela porta com a cortina e deixou Brian ao lado da estante com a lasca de madeira e a Polaroid e a foto do Rei. Brian estava quase pulando de um pé para o outro de tanta esperança e expectativa. Ele disse para si mesmo que era para deixar de ser pateta; mesmo que o sr. Gaunt *tivesse* um card do Sandy Koufax, mesmo que *fosse* um card da Topps dos anos 1950, provavelmente seria de 1955 ou 1957. E se fosse de 1956? De que adiantava se ele não tinha grana no bolso?

Bom, eu posso olhar, não posso?, pensou Brian. *Olhar* não custa nada, certo? Esse também era um dos ditos favoritos da mãe dele.

Da sala atrás da cortina veio o som de caixas sendo movidas e baques leves quando eram colocadas no chão.

— Só um minuto, Brian — disse o sr. Gaunt lá de dentro. Ele pareceu meio sem fôlego. — Sei que tem uma caixa de sapatos por aqui...

— Não precisa ter trabalho por minha causa, sr. Gaunt! — gritou Brian, torcendo como louco para que o sr. Gaunt tivesse o trabalho que fosse necessário.

— Pode ser que a caixa esteja em uma das remessas que ainda não chegaram — disse o sr. Gaunt com dúvida na voz.

O coração de Brian afundou.

E:

— Mas eu tinha certeza... espere! Aqui está! Bem aqui!

O coração de Brian inflou, mais do que inflou. Levantou voo e fez um mortal para trás.

O sr. Gaunt passou pela cortina. O cabelo estava meio desganhado e havia uma mancha de poeira na lapela do paletó. Nas mãos ele trazia uma caixa que já tinha guardado um par de tênis Air Jordan. Ele a colocou no balcão e tirou a tampa. Brian ficou ao lado do braço esquerdo dele e olhou para dentro. A caixa estava cheia de cards de beisebol, cada um dentro de um envelope plástico, como os que Brian comprava às vezes na Loja de Cards de Beisebol em North Conway, New Hampshire.

— Achei que haveria uma lista aqui dentro, mas não tive essa sorte — disse o sr. Gaunt. — Mesmo assim, tenho uma ideia bem razoável do que tenho guardado, como falei. É a chave pra se ter um negócio em que se vende um pouco de tudo. Tenho quase certeza de que vi...

Ele parou de falar e começou a mexer rapidamente entre os cards.

Brian viu os cards passarem, sem palavras de tão atônito que estava. O cara que tinha a Loja de Cards de Beisebol tinha o que seu pai chamava de “uma bela variedade” de cards antigos, mas o conteúdo da loja inteira não chegava aos pés dos tesouros guardados naquela caixa de tênis. Havia cards de tabaco de mascar com imagens de Ty Cobb e Pie Traynor. Havia cards de cigarro com fotos do Baby Ruth e Don DiMaggio e Big George Keller e até Hiram Dissen, o arremessador de um braço só que jogou no White Sox nos anos 40. LUCKY STRIKE GREEN FOI À GUERRA!, muitos dos cards de cigarro diziam. E ali, vislumbrado agora, um rosto largo e sério acima de uma camisa de uniforme do Pittsburgh...

— Meu Deus, aquele não era um Honus Wagner? — comentou Brian, ofegante. Seu coração parecia um passarinho que subiu até a garganta e ficou lá batendo as asas, preso. — É o card de beisebol mais caro do universo!

— Sim, sim — disse o sr. Gaunt distraidamente. Os dedos longos se moveram com velocidade pelos cards, rostos de outra era presos debaixo de capas de plástico transparente, homens que rebateram e

arremessaram bolas e percorreram bases, heróis de uma era dourada grandiosa e passada, uma era com a qual aquele garoto tinha sonhos alegres e vivazes. — Um pouco de tudo, é assim que um comércio tem sucesso, Brian. Diversidade, prazer, surpresa, realização... é assim que uma *vida* tem sucesso, na verdade... não dou conselhos, mas, se desse, seria bom você se lembrar disso... agora, vejamos... por aqui... por aqui... *ah!*

Ele puxou um card do meio da caixa como um mágico fazendo um truque e o colocou de forma triunfante na mão de Brian.

Era Sandy Koufax.

Era um card da Topps de 1956.

E estava *autografado*.

— Para o meu bom amigo Brian, com carinho, Sandy Koufax — leu Brian com um sussurro rouco.

E não conseguiu dizer mais nada.

6

Ele olhou para o sr. Gaunt, a boca se movendo. O sr. Gaunt sorriu.

— Eu não plantei o card e nem planejei, Brian. É só coincidência... mas uma coincidência *boa*, você não acha?

Brian ainda não estava conseguindo falar e decidiu só mover a cabeça. O envelope plástico com o cartão precioso parecia estranhamente pesado na mão dele.

— Pode tirar — convidou o sr. Gaunt.

Quando a voz de Brian finalmente saiu pela boca novamente, foi o gemido de um inválido muito velho.

— Não tenho coragem.

— Bom, *eu* tenho.

O sr. Gaunt tirou o envelope da mão de Brian, enfiou a unha bem cuidada de um dedo dentro e puxou o card. Colocou-o na mão de Brian.

Ele viu as marquinhas na superfície. Tinham sido feitas pela ponta da caneta que Sandy Koufax usara para assinar o nome... o nome *deles*. O autógrafo de Koufax era quase igual à assinatura impressa, só que a impressa dizia Sanford Koufax e o autógrafo dizia *Sandy Koufax*. Além disso, era mil vezes melhor porque era *real*. Sandy Koufax tinha segurado aquele card na mão e feito sua marca nele, a marca de sua mão viva e do seu nome mágico.

Mas havia *outro* nome ali também... o de Brian. Um garoto com o mesmo nome que ele ficou perto da grade do Ebbets Field antes do jogo e Sandy Koufax, o *Sandy Koufax de verdade*, jovem e forte, os anos gloriosos ainda à frente, pegou o cartão, provavelmente ainda com o cheiro do chiclete rosa, e deixou sua marca nele... *e a minha também*, pensou Brian.

De repente ele teve de novo a mesma sensação de quando segurou a lasca de madeira petrificada. Só que, desta vez, foi bem mais forte.

Cheiro de grama doce e recém-cortada.

O taco de freixo batendo no couro.

Gritos e risadas da área de treino de rebatedor.

— *Oi, sr. Koufax, pode assinar este card pra mim?*

Rosto estreito. Olhos castanhos. Cabelo escuro. O boné é retirado brevemente, ele coça a cabeça acima da testa e bota o boné novamente.

— *Claro, garoto. — Ele pega o card. — Qual é seu nome?*

— *Brian, senhor. Brian Seguin.*

Rabisco, rabisco, rabisco no card. A magia: fogo inscrito.

— *Você quer ser jogador quando crescer, Brian? — A pergunta passa a sensação de mecânica e ele fala sem afastar o olhar do card que segura na*

mão direita grande para poder escrever com a mão esquerda que em breve fará magia.

— *Sim, senhor.*

— *Pratique o básico. — O card é devolvido.*

— *Sim, senhor!*

Mas ele já está se afastando e começa a correr na grama cortada na direção do banco de reservas com a sombra correndo ao lado.

— *Brian? Brian?*

Dedos longos estalaram embaixo do seu nariz, os dedos do sr. Gaunt. Brian saiu do torpor e viu o sr. Gaunt olhando para ele, achando graça.

— *Está aí, Brian?*

— *Desculpe — disse Brian e ficou vermelho.*

Ele sabia que devia devolver o card, devolver logo e sair dali, mas não conseguia soltá-lo. O sr. Gaunt estava olhando nos olhos dele — para dentro da *cabeça* dele, ao que parecia — mais uma vez, e mais uma vez ele achou impossível desviar o olhar.

— *Então — disse o sr. Gaunt baixinho. — Digamos, Brian, que você seja o comprador. Vamos imaginar. Quanto você pagaria por esse card?*

Brian sentiu um desespero, como uma pedra fazendo peso no coração.

— *Eu só tenho...*

O sr. Gaunt levantou a mão esquerda.

— *Shhh! — fez ele com severidade. — Morda a língua! O comprador nunca deve dizer ao vendedor quanto dinheiro tem! Seria a mesma coisa que dar a carteira para o vendedor e virar tudo que você tem no bolso no chão na negociação! Se você não sabe mentir, fique parado! É a primeira regra do negócio justo, Brian, meu garoto.*

Os olhos dele... tão grandes e escuros. Brian sentiu como se estivesse nadando neles.

— Há dois preços pra esse card, Brian. Metade... e metade. Uma das metades é em dinheiro. A outra metade é uma ação. Você entende?

— Entendo — disse Brian.

Ele se sentiu *distante* de novo... distante de Castle Rock, distante da Artigos Indispensáveis, até distante de si. As únicas coisas reais naquele lugar distante eram os olhos bem arregalados e escuros do sr. Gaunt.

— O preço em dinheiro pra um card autografado de Sandy Koufax de 1956 é oitenta e cinco centavos — disse o sr. Gaunt. — Parece justo?

— Parece — disse Brian. Sua voz estava distante e fraca. Ele se sentiu diminuindo, desaparecendo... e se aproximando do ponto onde qualquer lembrança clara sumiria.

— Que bom — disse a voz acariciante do sr. Gaunt. — Nossa negociação está indo bem até agora. Quanto à ação... você conhece uma mulher chamada Wilma Jerzyck, Brian?

— Wilma, claro — disse Brian do meio da escuridão crescente. — Ela mora do outro lado do quarteirão da minha casa.

— Sim, acredito que sim — concordou o sr. Gaunt. — Escute com atenção, Brian. — Ele provavelmente continuou falando, mas Brian não se lembrava do que ele disse.

7

A próxima coisa que ele percebeu foi o sr. Gaunt o guiando gentilmente para a rua Principal, dizendo o quanto tinha gostado de conhecê-lo e pedindo que ele contasse à mãe e a todos os amigos como tinha sido bem tratado e negociado de forma justa.

— Claro — concordou Brian.

Ele estava meio desnortado... mas também se sentindo muito bem, como se tivesse acabado de acordar de um cochilo revigorante no

começo da tarde.

— E volte sempre — disse o sr. Gaunt antes de fechar a porta.
Brian olhou para trás. A placa pendurada lá agora dizia

FECHADO.

8

Brian tinha a sensação de que tinha passado horas na Artigos Indispensáveis, mas o relógio em frente ao banco dizia que eram só quatro e dez. Foram menos de vinte minutos. Ele se preparou para subir na bicicleta, mas apoiou o guidão na barriga enquanto enfiava a mão no bolso da calça.

De um, tirou seis moedas de um centavo.

Do outro, tirou o card autografado do Sandy Koufax.

Ao que parecia, eles *tinham* feito algum tipo de negociação, embora Brian não conseguisse lembrar de jeito nenhum qual tinha sido, só que o nome de Wilma Jerzyck tinha sido mencionado.

Para o meu bom amigo Brian, com carinho, Sandy Koufax.

O que quer que tivesse sido combinado tinha valido a pena.

Um card daqueles valia praticamente qualquer coisa.

Brian o guardou com cuidado na mochila para que não amassasse, subiu na bicicleta e saiu pedalando para casa rapidamente. Sorrindo durante o caminho todo.

DOIS

1

Quando uma loja nova abre em uma cidadezinha da Nova Inglaterra, os moradores, por mais caipiras que sejam em muitas coisas, exibem uma atitude cosmopolita que raramente se vê nas cidades maiores. Em Nova York ou Los Angeles, uma nova galeria pode atrair um grupinho de possíveis clientes e outros curiosos antes de as portas se abrirem pela primeira vez; uma nova boate pode até ter fila e barricadas policiais com *paparazzi*, armados com bolsas de equipamentos e lentes teleobjetivas, parados com expectativa atrás. Há um zumbido animado de conversas, como acontece na plateia da Broadway antes do começo de uma peça nova que, sucesso ou fracasso absoluto, é garantia de comentários.

Quando uma loja nova abre em uma cidadezinha da Nova Inglaterra, raramente se forma uma multidão antes de a porta ser aberta e nunca há fila. Quando as persianas são abertas, as portas destrancadas e o novo estabelecimento é declarado aberto para o comércio, os clientes vêm e vão aos poucos, de uma forma que sem dúvida pareceria a um forasteiro como apática... e provavelmente como mau presságio da prosperidade futura do lojista.

O que parece falta de interesse costuma mascarar uma expectativa apurada e uma observação mais apurada ainda (Cora Rusk e Myra Evans não foram as duas únicas mulheres de Castle Rock a manterem as linhas telefônicas ocupadas falando sobre a Artigos Indispensáveis nas semanas antes que a loja abrisse). Mas esse interesse e expectativa não alteram o código de conduta conservador do consumidor de cidade pequena.

Certas coisas simplesmente não são feitas, particularmente nos enclaves ianques rígidos ao norte de Boston. Essas sociedades existem por nove meses todos os anos de forma quase autossuficiente e é considerado ruim demonstrar interesse demais cedo demais, ou indicar de alguma forma que alguém sentiu mais do que um interesse passageiro, por assim dizer.

Investigar uma loja nova em uma cidade pequena e frequentar um grupo de prestígio social em uma cidade grande são atividades que causam uma certa dose de animação entre os que têm probabilidade de participar e há regras para as duas coisas — regras tácitas, imutáveis e estranhamente parecidas. A principal entre elas é que *não se deve chegar primeiro*. Claro, alguém tem que violar essa regra básica, senão ninguém apareceria, mas uma loja nova pode ficar vazia por pelo menos vinte minutos depois que a placa de FECHADO na vitrine tiver sido virada para ABERTO pela primeira vez, e um observador sábio se sentiria seguro em apostar que os primeiros visitantes chegariam em grupo: talvez um par ou um trio, mas mais provavelmente um grupo de quatro senhoras.

A segunda regra é que os clientes investigativos exibem uma educação tão rígida que beira a frieza. A terceira é que ninguém deve perguntar (ao menos na primeira visita) a história ou os antecedentes de um novo lojista. A quarta é que ninguém deve levar um presente de boas-vindas à cidade, principalmente se for algo brega como um bolo ou uma torta caseira. A última regra é tão imutável quanto a primeira: *não se deve ser o último a sair*.

Essa dança imponente, que poderia se chamar Dança da Investigação Feminina, dura entre duas semanas e dois meses e não se aplica quando alguém da cidade abre um negócio. Esse tipo de inauguração pode acabar sendo como um jantar de igreja: informal, alegre e bem chato. Mas quando o novo comerciante é De Fora (sempre é dito assim, para que se perceba as maiúsculas), a Dança da Investigação Feminina é tão certa

quanto a morte e a força da gravidade. Quando o período de testes chega ao fim (ninguém coloca propaganda no jornal para avisar isso, mas, de alguma forma, todo mundo sabe), das duas uma: ou o fluxo de comércio se torna mais normal e os clientes satisfeitos levam presentes tardios de boas-vindas e convites para visita, ou o novo comércio fracassa. Em cidades como Castle Rock, os pequenos comércios costumam ser rotulados como “falidos” semanas ou até meses antes de o infeliz dono chegar a essa conclusão.

Havia pelo menos uma mulher em Castle Rock que não seguia essas regras estabelecidas, por mais imutáveis que parecessem aos outros. Era Polly Chalmers, dona da loja Sempre Costurando. Não se esperavam comportamentos comuns da parte dela; Polly Chalmers era considerada pelas senhoras de Castle Rock (e por muitos dos senhores) uma Excêntrica.

Polly apresentava vários problemas para os árbitros sociais autoindicados de Castle Rock. Primeiro de tudo, ninguém conseguia decidir sobre o fato mais básico de todos: Polly era Da Cidade ou De Fora? Ela nasceu e foi criada quase o tempo todo em Castle Rock, era verdade, mas tinha ido embora com o bebê de Duke Sheehan na barriga aos dezoito anos. Isso foi em 1970 e ela só voltou uma vez antes de se mudar definitivamente para a cidade em 1987.

Essa breve visita começou no final de 1975, quando seu pai estava morrendo de câncer no intestino. Depois da morte dele, Lorraine Chalmers sofreu um ataque cardíaco e Polly ficou para cuidar da mãe. Lorraine sofreu um segundo ataque cardíaco, desta vez fatal, no começo da primavera de 1976, e depois que sua mãe foi enterrada no Homeland, Polly (que àquelas alturas já tinha um genuíno Ar de Mistério, na opinião das mulheres da cidade) foi embora de novo.

Foi de uma vez agora, esse foi o consenso, e quando a última Chalmers que restava, a velha tia Evvie, morreu em 1981 e Polly não foi ao enterro, isso pareceu ser uma prova final. Mas, quatro anos antes, ela *voltou* e abriu a loja de costura. Apesar de ninguém ter certeza, parecia provável que ela tivesse usado o dinheiro da tia Evvie Chalmers para pagar o novo empreendimento. Para quem mais a velha maluca teria deixado o dinheiro?

Os seguidores mais ávidos da cidade de *la comédie humaine* (a maioria da população) tinham certeza de que, se Polly tivesse sucesso com a lojinha e ficasse, a maioria das coisas que eles tinham curiosidade de saber seria revelada com o tempo. Mas, no caso de Polly, muitas questões permaneceram obscuras. Era muito exasperante.

Ela tinha passado *alguns* dos anos fora em San Francisco, isso era sabido, mas não muito mais; Lorraine Chalmers era fechada como uma ostra sobre a filha rebelde. Polly estudou lá ou em algum outro lugar? Ela cuidava da loja como quem fez cursos de administração e aprendeu muito neles, mas ninguém tinha certeza. Era solteira quando voltou, mas tinha sido casada, em San Francisco ou algum dos lugares onde pode (ou não) ter passado uma parte do tempo entre o Antes e o Agora? Ninguém sabia isso também, só sabiam que ela não tinha se casado com o garoto Sheehan; ele entrou para os fuzileiros, passou alguns anos lá e agora vendia imóveis em algum lugar de New Hampshire. E por que ela tinha voltado para ficar depois de tantos anos?

Mais do que tudo, eles se perguntavam o que tinha acontecido com o bebê. A bela Polly tinha feito um aborto? Deu o bebê para adoção? Ficou com ele? Se sim, ele morreu? Estaria (a falta de um pronome de gênero era enlouquecedora) vivo agora, estudando em algum lugar e escrevendo cartas ocasionais para a mãe em casa? Ninguém sabia essas coisas também e de muitas formas as perguntas não respondidas sobre o “bebê”

eram as mais irritantes. A garota que foi embora em um ônibus Greyhound com um bebê na barriga era agora uma mulher de quase quarenta anos que tinha voltado, morava e tinha um comércio na cidade havia quatro anos e ninguém nem sabia o sexo da criança que a fez ir embora.

Recentemente, Polly Chalmers deu à cidade uma nova demonstração da sua excentricidade, como se fosse necessário: ela andava acompanhada de Alan Pangborn, xerife do condado de Castle, e o xerife Pangborn tinha enterrado a esposa e o filho mais novo apenas um ano e meio antes. Esse comportamento não era bem um Escândalo, mas era Excêntrico, e ninguém ficou surpreso de ver Polly Chalmers andando pela calçada da rua Principal da porta dela até a da Artigos Indispensáveis às dez horas e dois minutos da manhã de 9 de outubro. Ninguém ficou surpreso com o que ela estava carregando nas mãos enluvadas: um pote Tupperware que só podia conter um bolo.

Discutindo mais tarde, os moradores disseram que aquilo era a cara dela.

2

A vitrine da Artigos Indispensáveis tinha perdido a camada opaca e uns dez itens tinham sido expostos lá: relógios, um conjunto de jantar de prata, um quadro, um lindo tríptico esperando que alguém o preenchesse com fotografias amadas. Polly olhou esses itens com aprovação e foi até a porta. A placa pendurada lá dizia ABERTO. Quando ela fez o óbvio depois de ler a placa, um sininho tocou acima da cabeça dela. O sino tinha sido instalado depois da visita prévia de Brian Rusk.

A loja tinha cheiro de carpete novo e tinta fresca. Estava tomada pelo sol e, quando ela entrou e olhou ao redor com interesse, um pensamento

claro surgiu em sua mente: *Isto é um sucesso. Nenhum cliente passou pela porta ainda, a não ser que eu seja uma, e já é um sucesso. Impressionante.* Uma avaliação precoce assim não era a cara dela, nem o sentimento de aprovação instantânea, mas eram sentimentos inegáveis.

Um homem alto estava inclinado por cima de um dos mostruários de vidro. Ele olhou para a frente quando o sininho de prata tilintou e sorriu para ela.

— Olá — disse ele.

Polly era uma mulher prática que conhecia muito bem a própria mente e costumava gostar do que encontrava lá. Por isso a confusão imediata que a acometeu quando ela encarou o estranho foi uma enorme confusão por si só.

Eu o conheço. Esse foi o primeiro pensamento claro a surgir no meio da nuvem inesperada. *Já vi esse homem. Onde?*

Mas não tinha visto e essa informação, essa certeza, surgiu um momento depois. Era déjà-vu, achava ela, aquele sentimento de lembrança falsa que todo mundo tem de tempos em tempos, um sentimento desorientador porque é simultaneamente tão sonhador e tão prosaico.

Ela ficou abalada por um momento e só conseguiu dar um sorriso bobo. Foi mover a mão esquerda para segurar melhor o pote de bolo que tinha trazido e uma onda de dor subiu das costas da mão até o pulso em duas pontadas intensas. Parecia que os dentes de um garfo cromado enorme estavam cravados no fundo da carne dela. Era artrite e doía pra cacete, mas pelo menos ajudou-a a focar a atenção de novo e ela respondeu sem um atraso notável... só que ela achava que o homem talvez tivesse notado, mesmo assim. Ele tinha intensos olhos cor de mel esverdeados que pareciam capazes de notar muita coisa.

— Oi — disse ela. — Meu nome é Polly Chalmers. Sou dona da lojinha de vestidos e costura que fica duas lojas depois da sua. Achei que, como somos vizinhos, era uma boa ideia eu vir dar as boas-vindas a Castle Rock antes que o movimento começasse.

Ele sorriu e seu rosto inteiro se iluminou. Ela sentiu um sorriso de resposta mover seus próprios lábios, apesar de a mão esquerda ainda estar doendo muito. Se eu já não estivesse apaixonada pelo Alan, pensou ela, acho que cairia aos pés desse homem sem reclamar. “Me mostre o quarto, mestre, vou em silêncio.” Achando uma certa graça, ela se perguntou quantas das senhoras que apareceriam para dar uma olhadinha antes do fim do dia iriam para casa com uma paixonite avassaladora por ele. Ela viu que ele não usava aliança; mais combustível no fogo.

— É um prazer conhecer você, sra. Chalmers — disse ele, se aproximando. — Sou Leland Gaunt. — Ele esticou a mão direita quando chegou perto, mas franziu a testa quando ela deu um pequeno passo para trás.

— Me desculpe — disse ela. — Eu não aperto mãos. Não me ache mal-educada, por favor. Eu tenho artrite.

Ela colocou o pote sobre o mostruário de vidro mais próximo e ergueu as mãos, cobertas de luvas de pelica. Não havia nada de bizarro nelas, mas eram claramente deformadas, a esquerda um pouco mais do que a direita.

Havia mulheres na cidade que achavam que Polly sentia orgulho da doença. Por que outro motivo, argumentavam, ela a exibiria tão rapidamente? A verdade era o oposto. Embora não fosse uma mulher vaidosa, ela tinha uma preocupação tão grande com a aparência que a feiura das mãos a constrangia. Ela as mostrava o mais rapidamente que pudesse e o mesmo pensamento surgia brevemente, tão brevemente que

quase sempre passava despercebido, na mente dela em todas as vezes: *Pronto. Acabou. Agora podemos continuar com o que quer que seja.*

As pessoas costumavam demonstrar um certo incômodo e constrangimento quando ela mostrava as mãos. Gaunt não. Ele segurou o braço dela com mãos que pareciam extraordinariamente fortes e o apertou no lugar da mão. Poderia ter parecido algo muito íntimo e inapropriado de se fazer num primeiro contato, mas não pareceu. O gesto foi simpático, breve e até engraçado. Ao mesmo tempo, ela ficou feliz de ter sido rápido. As mãos dele tinham um toque seco e desagradável mesmo sobre o casaquinho leve que ela usava.

— Deve ser difícil ter uma loja de costura com esse problema, sra. Chalmers. Como você consegue?

Era uma pergunta que poucas pessoas faziam e, com exceção de Alan, ela não conseguia se lembrar de ninguém que tivesse perguntado de forma tão direta.

— Eu continuei costurando em tempo integral enquanto pude — explicou ela. — Sorria e aguentava, acho que poderíamos dizer dessa forma. Agora, tenho seis funcionárias em meio período e fico mais no design. Mas ainda tenho meus dias bons. — Isso era mentira, mas ela achou que não faria mal, considerando que falou mais para se sentir melhor.

— Bom, fico feliz de você ter vindo. Pra dizer a verdade, estou sofrendo de um caso sério de medo de palco.

— É mesmo? Por quê? — Ela se apressava ainda menos em julgar pessoas do que em julgar lugares e eventos e ficou sobressaltada, até um pouco alarmada, com a rapidez e naturalidade com que se sentiu à vontade com aquele homem que tinha conhecido um minuto antes.

— Fico imaginando o que vou fazer se ninguém vier. Absolutamente ninguém, o dia todo.

— As pessoas virão — disse ela. — Vão querer ver o que você tem. Parece que ninguém sabe o que uma loja chamada Artigos Indispensáveis poderia vender, mas o mais importante é que vão querer dar uma olhada em você. É que, em um lugarzinho como Castle Rock...

— ... ninguém quer parecer ansioso demais — concluiu ele por ela. — Eu sei, já tive experiência em cidades pequenas. Minha mente racional garante que o que você acabou de dizer é a verdade absoluta, mas tem outra voz que fica dizendo: “Eles não virão, Leland, aahhh, não, eles não virão, vão ficar de longe olhando em grupos, espere e verá”.

Ela riu e lembrou de repente que sentiu a mesma coisa quando abriu a Sempre Costurando.

— Mas o que é isto? — perguntou ele, tocando no pote Tupperware com uma das mãos. E ela reparou no que Brian Rusk já tinha visto: o primeiro e o segundo dedo daquela mão eram exatamente do mesmo tamanho.

— É um bolo. E se eu conheço esta cidade tão bem quanto acho que conheço, garanto que vai ser o único que você vai ganhar hoje.

Ele sorriu para ela com satisfação.

— Obrigado! Muito obrigado, sra. Chalmers. Estou comovido.

E ela, que nunca pedia a ninguém para usar seu primeiro nome em um primeiro contato e nem mesmo depois de conhecer por algum tempo (e que desconfiava de todo mundo: corretores de imóveis, corretores de seguros, vendedores de carros, que se apropriavam desse privilégio sem pedir licença), ficou surpresa de se ouvir dizer:

— Se vamos ser vizinhos, você não deveria me chamar de Polly?

O bolo era de chocolate, como Leland Gaunt descobriu só por levantar a tampa e cheirar. Ele pediu que ela ficasse e comesse um pedaço com ele. Polly recusou. Gaunt insistiu.

— Você tem quem cuide da sua loja — disse ele — e ninguém vai ousar botar o pé na minha por pelo menos meia hora. Isso deve bastar para os protocolos. E tenho mil perguntas sobre a cidade.

Assim, ela aceitou. Ele desapareceu pela porta com cortina que levava aos fundos da loja e ela o ouviu subindo uma escada para buscar talheres e pratos; a parte de cima, supôs ela, devia ser a moradia dele, ainda que temporária. Enquanto esperava que ele voltasse, Polly andou pela loja e olhou as coisas.

Uma placa emoldurada junto à porta pela qual ela tinha entrado dizia que a loja ficaria aberta das dez da manhã às cinco da tarde às segundas, quartas, sextas e sábados. Ficaria fechada “exceto por hora marcada” às terças e quintas até o fim da primavera... ou, Polly pensou sorrindo por dentro, até os turistas e veranistas loucos e desvairados chegarem de novo, com as mãos cheias de dólares.

A Artigos Indispensáveis, concluiu ela, era uma loja de curiosidades. Uma loja luxuosa de curiosidades, ela diria depois de um olhar rápido, mas um exame mais minucioso dos itens à venda sugeriu que não era um lugar fácil de categorizar.

Os itens que tinham sido arrumados quando Brian passou lá na tarde anterior (o geodo, a câmera Polaroid, a foto do Elvis Presley e os poucos outros) ainda estavam lá, mas mais de quarenta tinham sido acrescentados. Um pequeno tapete que devia valer uma pequena fortuna estava pendurado nas paredes off-white; era persa e antigo. Havia uma coleção de soldadinhos de chumbo em um dos mostruários, possivelmente antiguidades, mas Polly sabia que todos os soldadinhos de

chumbo, mesmo os feitos em Hong Kong uma semana antes, tinham aparência de antiguidade.

As mercadorias eram bem variadas. Entre a foto do Elvis, que pareceu o tipo de coisa que seria vendida em qualquer parque de diversões dos Estados Unidos por quatro dólares e noventa e nove centavos, e um cata-vento nada interessante com uma águia-calva em cima, havia um abajur de vidro carnival antigo que devia valer uns oitocentos dólares, mas podia chegar a cinco mil. Um bule de chá surrado e sem graça estava ladeado de um par de lindas *poupées*, e ela não era capaz nem de tentar adivinhar o quanto as lindas bonecas francesas com as bochechas vermelhas e os trajes enfeitados podiam valer.

Havia uma seleção de cards de beisebol e de tabaco, uma pilha de revistas *pulp* dos anos 30 (*Weird Tales*, *Astounding Tales*, *Thrilling Wonder Stories*), um rádio de mesa dos anos 50 que tinha aquele tom repugnante de rosa-claro que as pessoas da época pareciam apreciar nos eletrodomésticos, ainda que não na política.

A maioria dos itens, mas não todos, tinha plaquinhas na frente: GEODO DE TRÊS CRISTAIS, ARIZONA, dizia uma. KIT DE CHAVES SOQUETE PERSONALIZADO, dizia outra. A que ficava na frente da lasca de madeira que tanto impressionou Brian dizia MADEIRA PETRIFICADA DA TERRA SANTA. As placas na frente dos cards e das revistas *pulp* diziam: MAIS VARIEDADE DISPONÍVEL A PEDIDOS.

Todos os itens, fossem lixos ou tesouros, tinham uma coisa em comum, ela observou: não havia etiqueta de preço em nenhum deles.

4

Gaunt voltou com dois pratinhos — louça simples Corning Ware, nada chique —, uma faca de bolo e dois garfos.

— Está tudo uma bagunça lá em cima — confidenciou ele, tirando a tampa do pote e colocando-o de lado (ele o virou de cabeça para baixo para não deixar marca de cobertura em cima do armário onde apoiou tudo). — Vou procurar uma casa assim que acertar as coisas aqui, mas por enquanto vou morar em cima da loja. Tudo está em caixas de papelão. Meu Deus, eu odeio caixas de papelão. Quem diria...

— Não *tão* grande — protestou Polly. — Minha nossa!

— Tudo bem — disse Gaunt, achando graça, e colocou a fatia grossa de bolo de chocolate em um dos pratos. — Este vai ser o meu. Coma, Rowf, coma, eu digo! Assim está bom pra você?

— Mais fino do que isso.

— Não consigo cortar mais fino do que isso — disse ele e cortou uma fatia fina de bolo. — O cheiro está divino. Obrigado de novo, Polly.

— De nada.

O cheiro *estava* bom e ela não estava de dieta, mas sua recusa inicial foi mais do que educação de primeiro encontro. As três semanas anteriores haviam sido um período de veranico delicioso em Castle Rock, mas na segunda-feira o tempo esfriou e suas mãos sofriam com a mudança. A dor provavelmente diminuiria um pouco quando as juntas se acostumassem com a temperatura mais baixa (pelo menos rezava por isso, e sempre tinha sido assim, mas ela não ignorava a natureza progressiva da doença), mas desde aquela manhã estava bem ruim. Quando ficava assim, ela nunca sabia o que conseguiria fazer com as mãos traidoras e sua recusa inicial tinha sido por preocupação e pelo constrangimento em potencial.

Ela tirou as luvas e flexionou a mão, hesitante. Uma pontada de dor ávida subiu pelo antebraço até o cotovelo. Ela a flexionou de novo, os lábios apertados de expectativa. A dor veio, mas não foi tão intensa desta vez. Então relaxou um pouco. Ficaria bem. Não ótima, não seria tão

agradável quanto comer bolo deveria ser, mas ficaria bem. Ela pegou o garfo com cuidado, dobrando os dedos o mínimo possível. Quando levou o primeiro pedaço até a boca, viu Gaunt olhar para ela com solidariedade. *Agora ele vai se condoer*, pensou ela com tristeza, *e vai me contar como a artrite do avô dele era horrível. Ou da ex-esposa. Ou de alguém.*

Mas Gaunt não se condoeu dela. Ele provou o bolo e revirou os olhos de forma cômica.

— Esqueça a costura e a modelagem. Você devia ter aberto um restaurante.

— Ah, não fui eu que fiz, mas vou transmitir o elogio a Nettie Cobb. Ela é minha empregada.

— Nettie Cobb — disse ele, pensativo, pegando outra garfada de bolo.

— Sim. Você a conhece?

— Ah, duvido. — Ele falou com o ar de um homem que é trazido de volta de repente para o presente. — Não conheço *ninguém* em Castle Rock. — Ele olhou para ela maliciosamente com os cantos dos olhos. — Alguma chance de ela poder ser contratada?

— Nenhuma — disse Polly, rindo.

— Eu ia perguntar a você sobre os corretores de imóveis — disse ele. — Quem você diria que é o mais confiável por aqui?

— Ah, eles são todos ladrões, mas Mark Hopewell deve ser um dos melhores.

Ele engoliu uma gargalhada e botou a mão na boca para impedir um jorro de migalhas. Em seguida, começou a tossir, e se as mãos dela não estivessem doendo tanto, ela teria batido nas costas dele algumas vezes com camaradagem. Primeiro encontro ou não, ela *gostou* dele.

— Desculpe — disse ele, ainda rindo um pouco. — Mas eles são todos ladrões mesmo, não são?

— Ah, sem dúvida.

Se Polly fosse outro tipo de mulher, do tipo que não guarda os fatos do passado só para si, teria começado a fazer perguntas a Leland Gaunt naquele momento. Por que ele tinha ido para Castle Rock? Onde morava antes? Ficaria por muito tempo? Tinha família? Mas ela não era esse tipo de mulher e ficou satisfeita em responder às perguntas dele... ficou feliz da vida, na verdade, pois nenhuma era sobre ela. Ele queria saber sobre a cidade e como era o tráfego na rua Principal durante o inverno e se havia um lugar por perto onde ele poderia comprar um bom fogão a lenha e sobre seguros e mil outras coisas. Ele tirou um caderninho de couro preto do bolso do blazer azul que estava usando e anotou cada nome que ela citou.

Ela olhou para o prato e viu que tinha terminado o bolo. Suas mãos ainda doíam, mas estavam melhores do que quando tinha chegado. Ela lembrou que quase tinha decidido não ir porque estavam doendo demais. Agora, estava feliz de ter ido mesmo assim.

— Tenho que ir — disse ela, olhando para o relógio. — Rosalie vai achar que morri.

Eles tinham comido de pé. Agora, Gaunt empilhou os pratos com cuidado, colocou os garfos em cima e tampou o pote do bolo.

— Vou devolver isto assim que o bolo acabar — disse ele. — Tudo bem?

— Claro.

— Acho que no meio da tarde já levo de volta — disse ele com seriedade.

— Não precisa ser *tão* rápido — disse ela enquanto Gaunt a acompanhava até a porta. — Foi ótimo te conhecer.

— Obrigado pela visita — disse ele. Por um momento, ela achou que ele ia segurar seu braço e teve uma sensação de consternação ao pensar

no toque dele (besteira, claro), mas ele não fez nada. — Você tornou o que eu esperava que fosse um dia assustador em algo prazeroso.

— Você vai ficar bem. — Polly abriu a porta e parou. Não tinha perguntado nada sobre ele, mas *estava* curiosa sobre uma coisa, curiosa demais para ir embora sem perguntar. — Você tem uma variedade de coisas interessantes...

— Obrigado.

— ... mas nada tem preço. Por quê?

Ele sorriu.

— É uma pequena excentricidade minha, Polly. Eu sempre acreditei que uma venda que valha a pena ser feita vale uma negociação. Acho que devo ter sido vendedor de tapetes do Oriente Médio na minha última encarnação. Provavelmente no Iraque, se bem que acho que não devia dizer uma coisa dessas atualmente.

— Então você cobra o que o mercado aguentar? — perguntou ela, brincando.

— Podemos dizer que sim — concordou ele com seriedade, e novamente ela ficou surpresa com o quanto os olhos cor de mel eram profundos, estranhamente lindos. — Prefiro pensar nisso como definir o valor pela indispensabilidade.

— Entendi.

— Mesmo?

— Bom... *acho* que sim. Explica o nome da loja.

Ele sorriu.

— É possível. Acho que é possível, sim.

— Bom, tenha um ótimo dia, sr. Gaunt...

— Leland, por favor. Ou só Lee.

— Leland, então. E não se preocupe com os clientes. Acho que até sexta-feira você vai ter que contratar seguranças pra mandar eles embora

no fim do dia.

— É mesmo? Seria ótimo.

— Adeus.

— *Ciao* — disse ele, e fechou a porta quando ela saiu.

Ele ficou parado por um momento, vendo Polly Chalmers andar pela rua, calçando as luvas nas mãos, tão deformadas e em contraste tão impressionante com o resto dela, que era elegante e bonita, ainda que não muito impressionante. O sorriso de Gaunt cresceu. Quando seus lábios se repuxaram, expondo os dentes irregulares, o sorriso ficou desagradavelmente predador.

— Você serve — disse ele baixinho na loja vazia. — Serve muito bem.

5

A previsão de Polly foi na mosca. Na hora de fechar daquele dia, quase todas as mulheres de Castle Rock — ao menos as que importavam — e vários homens tinham passado pela Artigos Indispensáveis para dar uma olhada rápida. Quase todos fizeram questão de dizer a Gaunt que só tinham um momento porque estavam indo para outro lugar.

Stephanie Bonsaint, Cynthia Rose Martin, Barbara Miller e Francine Pelletier foram as primeiras; Steffie, Cyndi Rose, Babs e Francie chegaram em um grupo protetor menos de dez minutos depois que Polly foi vista saindo da loja nova (a notícia de sua partida se espalhou rapidamente por telefone e pela fofoca eficiente que acontece nos quintais da Nova Inglaterra).

Steffie e as amigas olharam. Fizeram ooohs e aaaahs. Garantiram a Gaunt que não podiam ficar muito porque era dia de bridge (mas sem contar a ele que a jogatina da semana só começava por volta das duas da tarde). Francie perguntou de onde ele era. Gaunt disse que era de Akron,

Ohio. Steffie perguntou se havia muito tempo que ele estava no ramo de antiguidades. Gaunt disse que não considerava aquilo um comércio de antiguidades... propriamente. Cyndi Rose queria saber se o sr. Gaunt estava na Nova Inglaterra havia muito tempo. Um tempinho, respondeu Gaunt; um tempinho.

As quatro concordaram depois que a loja era interessante — tantas coisas estranhas! —, mas que a entrevista não teve sucesso. O homem era tão fechado quanto Polly Chalmers, talvez mais. Babs listou tudo que elas sabiam (ou achavam que sabiam): que Polly foi a primeira pessoa da cidade a entrar na loja nova e que ela *levou um bolo*. Talvez, especulou Babs, ela conhecesse o sr. Gaunt... daquela *Época Anterior*, a época que ela passou Fora.

Cyndi Rose manifestou interesse em um vaso Lalique e perguntou ao sr. Gaunt (que estava perto, mas não em cima, todas repararam com aprovação) quanto custava.

— Quanto você acha que custa? — perguntou ele, sorrindo.

Ela sorriu para ele de forma provocativa.

— Ah — disse ela. — É assim que você faz negócio, sr. Gaunt?

— É assim que eu faço — concordou ele.

— Bom, você vai acabar perdendo mais do que ganha se vai negociar com ianques — disse Cyndi Rose enquanto as amigas olhavam com o interesse de espectadores em uma partida de Wimbledon.

— Isso nós veremos — disse ele. A voz continuava simpática, mas agora carregava um certo tom de desafio também.

Cyndi Rose olhou com mais atenção para o vaso. Steffie Bonsaint sussurrou alguma coisa no ouvido dela. Ela assentiu.

— Dezessete dólares — disse. O vaso poderia valer cinquenta, e ela achava que nos antiquários de Boston o preço seria cento e oitenta.

Gaunt apoiou os dedos embaixo do queixo em um gesto que Brian Rusk teria reconhecido.

— Acho que eu teria que receber pelo menos quarenta e cinco — disse ele com certo pesar.

Os olhos de Cyndi Rose se iluminaram; havia possibilidades ali. Ela tinha visto o vaso Lalique primeiro como uma coisa só ligeiramente interessante, apenas mais um pé de cabra retórico para usar com o misterioso sr. Gaunt. Agora, olhou com mais atenção e viu que realmente *era* uma bela peça, que ficaria ótima na sala da casa dela. A borda de flores em volta do pescoço comprido do vaso era da mesma cor do seu papel de parede. Até Gaunt responder à sua sugestão com um preço que estava só um pouco fora do alcance, ela não tinha percebido que queria tanto o vaso quanto achava que queria agora.

Ela consultou as amigas.

Gaunt as observou, sorrindo com gentileza.

O sininho de prata acima da porta tilintou e mais duas senhoras entraram.

Na Artigos Indispensáveis, o primeiro dia de comércio tinha começado.

6

Quando o Clube de Bridge da Rua Ash saiu da Artigos Indispensáveis dez minutos depois, Cyndi Rose estava carregando uma sacola de compras pelas alças. Dentro estava o vaso Lalique, embrulhado em papel de seda. Ela o comprou por trinta e um dólares mais impostos, quase todo o dinheiro que tinha, mas ficou tão feliz que estava quase ronronando.

Normalmente, ela sentia dúvida e um pouco de vergonha depois de uma compra tão impulsiva como aquela, certa de que havia sido

convencida, se não enganada, mas não naquele dia. Aquela foi a compra em que ela saiu por cima. O sr. Gaunt até pediu que ela voltasse, dizendo que tinha outro vaso igual, que chegaria em um carregamento no fim da semana... talvez até no dia seguinte! Aquele ficaria lindo na mesinha da sala dela, mas se ela tivesse dois, poderia botar um em cada ponta da prateleira acima da lareira, e isso ficaria *maravilhoso*.

As três amigas também achavam que ela tinha se saído bem e, apesar de estarem um pouco frustradas de terem arrancado tão pouco sobre o passado do sr. Gaunt, a opinião delas sobre ele foi, de um modo geral, muito boa.

— Ele tem os olhos verdes mais lindos do mundo — disse Francie Pelletier, um pouco sonhadora.

— Eram *verdes*? — questionou Cyndi Rose, um pouco sobressaltada. Ela achou que eram cinzentos. — Não reparei.

7

À tarde, Rosalie Drake da Sempre Costurando passou pela Artigos Indispensáveis durante o intervalo, acompanhada da empregada de Polly, Nettie Cobb. Havia várias mulheres olhando a loja e, no canto de trás, dois garotos da Castle County High estavam mexendo em uma caixa de papelão com gibis, murmurando com empolgação um com o outro; era incrível, os dois concordaram, a quantidade de itens naquela caixa dos quais eles precisavam para completar as respectivas coleções. Eles só esperavam que o preço não fosse alto demais. Era impossível saber sem perguntar, porque não havia etiqueta de preço nos sacos plásticos que protegiam os gibis.

Rosalie e Nettie cumprimentaram o sr. Gaunt e ele pediu a Rosalie que agradecesse novamente a Polly pelo bolo. Seu olhar seguiu Nettie,

que tinha se afastado depois das apresentações e estava olhando com melancolia para uma pequena coleção de vidro carnival. Ele deixou Rosalie olhando a foto do Elvis ao lado da lasca de MADEIRA PETRIFICADA DA TERRA SANTA e foi até Nettie.

— Você gosta de vidro carnival, srta. Cobb? — perguntou ele baixinho.

Ela deu um pequeno pulo; Nettie Cobb tinha o rosto e o jeito quase dolorosamente tímidos de uma mulher feita para pular ao ouvir vozes, por mais suaves e simpáticas que fossem, quando faladas de trás da área do cotovelo dela. Ela deu um sorriso nervoso.

— É sra. Cobb, sr. Gaunt, apesar de o meu marido estar morto há um tempo, já.

— Sinto muito.

— Não precisa. Tem catorze anos. Muito tempo. Sim, eu tenho uma pequena coleção de vidro carnival. — Ela pareceu quase tremer, como um rato tremeria à aproximação de um gato. — Não que eu possa pagar por algo tão bonito quanto essas peças. São lindas. Como as coisas devem ser no céu.

— Bom, vou contar uma coisa. Comprei várias peças de vidro carnival quando comprei estas, e não são tão caras quanto você pode pensar. E as outras são *mais* bonitas. Você não gostaria de voltar amanhã e dar uma olhada?

Ela deu um pulo de novo e um passo para o lado, como se ele tivesse sugerido que ela pudesse querer aparecer no dia seguinte para ele beliscar seu traseiro algumas vezes... talvez até ela chorar.

— Ah, não... Quinta é meu dia mais ocupado, sabe... na Polly... nós temos que virar tudo de cabeça pra baixo às quintas, sabe...

— Tem certeza de que não pode dar uma passadinha? — perguntou ele, persuasivo. — Polly me disse que você fez o bolo que ela trouxe

hoje...

— Estava bom? — perguntou Nettie com nervosismo.

Seus olhos diziam que ela esperava que ele dissesse: Não, *não* estava bom, Nettie, me deu cólica, me deu *diarreia*, na verdade, e por isso vou machucar você, Nettie, vou te arrastar até a sala dos fundos e torcer seus mamilos até você pedir arrego.

— Estava maravilhoso — disse ele com voz tranquilizadora. — Me fez pensar nos bolos que a minha avó fazia... e isso foi muito tempo atrás.

Foi a coisa certa a se dizer para Nettie, que tinha amado a própria mãe profundamente, apesar das surras que ela lhe dava depois das noites frequentes nos bares e botequins. Ela relaxou um pouco.

— Ah, que bom, fico feliz que você tenha gostado. Claro que foi ideia da Polly. Ela é a mulher mais doce do mundo.

— Sim — disse ele. — Depois de a conhecer, consigo acreditar nisso. — Ele olhou para Rosalie Drake, mas ela ainda estava vagando pela loja. Olhou novamente para Nettie e disse: — Só achei que lhe devia uma coisinha...

— Ah, não! — disse Nettie, alarmada novamente. — Não me deve nada. Nem uma coisinha sequer, sr. Gaunt.

— Por favor, dê uma passada aqui. Vejo que você tem um bom olho para vidro carnival... e assim, posso devolver o pote de bolo da Polly.

— Bom... acho que *poderia* dar uma passada no meu intervalo... — Os olhos de Nettie diziam que ela não acreditava no que estava ouvindo sair da própria boca.

— Maravilha — disse ele e a deixou rapidamente, antes que ela pudesse mudar de ideia de novo.

Ele andou até os garotos e perguntou como eles estavam. Eles mostraram com hesitação vários exemplares antigos de *O Incrível Hulk* e

X-Men. Cinco minutos depois, estavam saindo com a maior parte dos gibis nas mãos e expressões de alegria perplexa no rosto.

A porta mal tinha se fechado atrás deles quando se abriu de novo. Cora Rusk e Myra Evans entraram. Elas olharam em volta, os olhos brilhantes e ávidos como os de esquilos na época de coleta de nozes, e foram imediatamente até a estante de vidro com a foto do Elvis. Cora e Myra se inclinaram, fazendo ruídos de interesse, exibindo seus traseiros enormes.

Gaunt as observou, sorrindo.

O sininho de prata da porta tilintou de novo. A recém-chegada era tão grande quanto Cora Rusk, mas Cora era gorda e aquela mulher parecia *forte*, da forma como um lenhador com barriga de cerveja parece forte. Havia um botão grande e branco preso na blusa dela. As letras vermelhas declaravam:

NOITE DO CASSINO — PURA DIVERSÃO!

O rosto da mulher era tão encantador quanto uma pá de neve. O cabelo, um tom de castanho comum e sem vida, estava quase todo coberto por um lenço amarrado severamente embaixo do queixo. Ela observou o interior da loja por um momento, os olhos pequenos e fundos indo para lá e para cá como os olhos de um atirador que observa o interior de um saloon antes de empurrar as portas de vaivém e começar a confusão. E então entrou.

Algumas das mulheres que circulavam entre os mostruários deram mais do que uma olhada rápida na direção dela, mas Nettie Cobb olhou para a recém-chegada com uma expressão extraordinária de consternação e ódio misturados. Ela se afastou do vidro carnival. Seu movimento chamou a atenção da recém-chegada. Ela olhou para Nettie com uma espécie de desprezo absoluto e a deixou de lado.

O sininho de prata acima da porta tilintou quando Nettie saiu da loja.

O sr. Gaunt observou tudo isso com grande interesse.

Ele andou até Rosalie e disse:

— A sra. Cobb foi embora sem você, infelizmente.

Rosalie pareceu sobressaltada.

— Por que... — começou ela, mas seus olhos pousaram na recém-chegada com o bóton da Noite do Cassino preso com determinação entre os seios. Ela estava observando o tapete persa pendurado na parede com o interesse fixo de um estudante de arte em uma galeria. Suas mãos estavam apoiadas nos quadris largos. — Ah. Com licença, eu tenho que ir.

— Essas duas não morrem de amores uma pela outra, eu diria — comentou o sr. Gaunt.

Rosalie deu um sorriso distraído.

Gaunt olhou para a mulher de lenço de novo.

— Quem é ela?

Rosalie franziu o nariz.

— Wilma Jerzyck. Com licença... eu tenho mesmo que ir com a Nettie. Ela é muito nervosa, sabe.

— Claro — disse ele e levou Rosalie até a porta. Para si mesmo, acrescentou: — Não somos todos?

Cora Rusk lhe deu um tapinha no ombro.

— Quanto custa a foto do Rei? — perguntou ela.

Leland Gaunt virou o sorriso deslumbrante para ela.

— Bom, vamos conversar sobre isso — disse ele. — Quanto você acha que vale?

TRÊS

1

A loja nova de Castle Rock estava fechada havia quase duas horas quando Alan Pangborn rodou lentamente pela rua Principal na direção do Prédio Municipal, onde ficavam o posto do xerife e a delegacia de polícia de Castle Rock. Ele estava atrás do volante do carro mais comum do mundo: uma caminhonete Ford 1986. O carro da família. Ele se sentia para baixo e meio bêbado. Só tinha tomado três cervejas, mas bateram pesado.

Ele olhou para a Artigos Indispensáveis ao passar, aprovando o toldo verde-escuro que se projetava sobre a rua, assim como Brian Rusk. Sabia menos sobre essas coisas do que Brian (afinal, não tinha parentes que trabalhavam para a Companhia Dick Perry de Revestimentos e Portas em South Paris), mas achava que *dava mesmo* um toque de classe à rua Principal, onde a maioria dos comerciantes tinha acrescentado fachadas falsas e pronto. Ele ainda não sabia o que o lugar vendia; Polly saberia, se tivesse mesmo ido naquela manhã, como planejava. Mas parecia aos olhos de Alan um daqueles restaurantes franceses aconchegantes aonde você levava a garota dos seus sonhos antes de tentar levá-la para a cama com boas cantadas.

O lugar sumiu da mente dele logo que ele passou. Ele deu seta para a direita dois quarteirões depois e entrou na passagem estreita entre a construção baixa de tijolos do Prédio Municipal e as ripas de madeira branca do prédio do Serviço de Águas e Saneamento. Essa pista estava marcada com APENAS VEÍCULOS OFICIAIS.

O Prédio Municipal tinha a forma de um L de cabeça para baixo e havia um pequeno estacionamento no ângulo formado entre as duas alas. Três das vagas estavam marcadas com POSTO DO XERIFE. O fusca velho de Norris Ridgewick estava estacionado em uma delas. Alan estacionou em outra, apagou os faróis e o motor e levou a mão à maçaneta.

A depressão que o espreitava desde que ele saíra do The Blue Door em Portland, rodeando-o como lobos costumam rodear fogueiras nas histórias de aventura que ele lia quando garoto, caiu de repente sobre ele. Ele soltou a maçaneta e ficou sentado atrás do volante do carro, torcendo para que passasse.

Tinha passado o dia no Fórum do Distrito de Portland, testemunhando pela acusação em quatro julgamentos. O distrito englobava quatro condados, York, Cumberland, Oxford e Castle, e de todo os homens da lei que serviam nesses condados, Alan Pangborn era o que tinha uma distância maior para viajar. Os três Juízes do Distrito, portanto, se esforçavam para marcar os casos dele agrupados, para que ele só fizesse a viagem uma ou duas vezes por mês. Isso tornava possível que ele passasse um tempo no condado que tinha jurado proteger em vez de na estrada entre Castle Rock e Portland, mas também significava que, depois dos dias de tribunal, ele se sentia um estudante de ensino médio cambaleando para fora do auditório onde tinha acabado de fazer o vestibular. Ele devia saber que não era boa ideia beber depois disso, mas Harry Cross e George Crompton estavam indo para o The Blue Door e insistiram para que Alan se juntasse a eles. Houve um bom motivo para isso: uma série de roubos a casas claramente relacionados tinha ocorrido nas áreas de todos eles. Mas o verdadeiro motivo para ele ter ido foi o que muitas decisões ruins têm em comum: pareceu uma boa ideia na hora.

Agora, ele estava sentado atrás do volante do que tinha sido o carro da família, colhendo o que tinha plantado por vontade própria. Sua cabeça doía de leve. Estava sentindo mais do que só um pouco de náusea. Mas a depressão era o pior; tinha voltado com um senso de vingança.

Olá!, gritava com alegria de dentro da fortaleza em sua cabeça. Aqui estou eu, Alan! Que bom te ver! Adivinha? Aqui está, o fim de um longo dia, e Annie e Todd ainda estão mortos! Lembra daquela tarde de sábado em que Todd derramou o milk-shake no banco da frente? Embaixo de onde está sua pasta agora, não foi? E você gritou com ele? Uau! Não se esqueceu disso, não foi? Esqueceu? Ah, tudo bem, Alan, porque estou aqui para lembrar! E lembrar! E lembrar!

Ele ergueu a pasta e olhou fixamente para o assento. Sim, a mancha estava lá e, sim, ele tinha gritado com Todd. *Todd, por que você é sempre tão estabonado?* Algo assim, nada de mais, mas o tipo de coisa que você nunca diria se soubesse que seu filho tinha menos de um mês de vida.

Passou pela cabeça dele que as cervejas não eram o verdadeiro problema; era o carro, que nunca tinha sido limpo de forma adequada. Ele tinha passado o dia andando por aí com o fantasma da esposa e do filho mais novo.

Ele se inclinou, abriu o porta-luvas para pegar o bloco de multas (carregá-lo mesmo quando estava indo para Portland passar o dia testemunhando no tribunal era um hábito imutável) e enfiou a mão dentro. Sua mão encostou em um objeto tubular, que caiu no chão do carro com um ruído. Ele colocou o bloco em cima da pasta e se inclinou mais para pegar o que tinha derrubado de dentro do porta-luvas. Levantou o objeto para que estivesse no brilho da lâmpada e olhou por muito tempo, sentindo a dor horrível da perda e da tristeza tomar conta dele. A artrite de Polly estava nas mãos dela; a dele, ao que parecia, estava no coração, e quem poderia dizer qual dos dois estava pior?

A lata pertencera a Todd, claro; Todd, que sem dúvida *moraria* na Loja de Novidades de Auburn se pudesse. O garoto era vidrado nos objetos vendidos lá: campainhas de choque, pó que fazia espirrar, copos que babam, sabonete que deixava a mão do usuário da cor de cinza vulcânica, cocô de cachorro de plástico.

Essa coisa ainda está aqui. Tem dezenove meses que eles morreram e ainda está aqui. Como deixei passar? Meu Deus.

Alan virou a lata redonda nas mãos, lembrando como o garoto alegou ter comprado aquele item específico com seu dinheiro da mesada, e como Alan tinha duvidado e citado o provérbio favorito do pai: o tolo e seu dinheiro se separam rapidamente. E como Annie o contradisse com seu jeito gentil:

Olha só você, sr. Mágico Amador, falando como um puritano. Eu adorei! De onde você acha que veio esse amor maluco por pegadinhas e truques, para começar? Ninguém na minha família tinha foto emoldurada do Houdini na parede, pode acreditar. Você quer me dizer que não comprou um copo que baba nos dias agitados da sua juventude? Que não era doido para ter o truque da cobra dentro da lata de nozes se tivesse encontrado em uma estante por aí?

Hesitando e gaguejando, ele ficou parecendo cada vez mais um idiota cabeça oca. Finalmente, teve que levar a mão à boca para esconder um sorrisinho de constrangimento. Mas Annie tinha visto. Annie sempre via. Esse foi o presente dela... e mais do que uma vez, foi sua salvação. O senso de humor e o senso de perspectiva dela sempre foram melhores do que os dele. Mais precisos.

Deixa ele, Alan... ele só vai ser jovem uma vez. E até que é engraçado.

Ele deixou. E...

... e três semanas depois disso ele derramou milk-shake no banco e quatro semanas depois, estava morto! Os dois estavam mortos! Uau! Imaginem só! O

tempo voa mesmo, não é, Alan? Mas não se preocupe! Não se preocupe porque vou continuar te lembrando! Sim, senhor! Vou continuar te lembrando porque esse é meu trabalho e eu pretendo fazê-lo!

A lata tinha o rótulo de MIX DE CASTANHAS TASTEE-MUNCH. Alan girou a tampa e um metro e meio de cobra verde comprimida pulou para fora, bateu no para-brisa e voltou para o seu colo. Alan olhou para ela, ouviu a risada do filho morto dentro da cabeça e começou a chorar. O choro foi sem drama, silencioso e exausto. Parecia que suas lágrimas tinham muito em comum com os bens dos seus entes queridos mortos; nunca se chegava ao fim. Havia muitos e quando você começava a relaxar e achar que tinha finalmente acabado, que o ambiente estava limpo, você encontrava outro. E outro. E mais outro.

Por que ele deixou Todd comprar aquela porcaria? Por que ainda estava no maldito porta-luvas? E por que ele foi na porcaria da van da família?

Ele tirou o lenço do bolso de trás e secou as lágrimas do rosto. Lentamente, enfiou a cobra, de papel crepom verde barato com uma mola de metal dentro, de volta na lata de castanhas falsa. Enroscou a tampa e ficou jogando a lata para cima, pensativo.

Joga essa porcaria fora.

Mas ele achava que não podia fazer isso. Não naquela noite, pelo menos. Jogou a pegadinha, a última que Todd tinha comprado na loja que ele considerava a melhor do mundo, de volta no porta-luvas e o fechou. Então segurou a maçaneta de novo, pegou a pasta e saiu.

Ele respirou fundo o ar do fim da tarde, torcendo para que isso ajudasse. Não ajudou. Sentia o cheiro de madeira decomposta e produtos químicos, um odor sem encantos que descia regularmente das fábricas de papel em Rumford, uns cinquenta quilômetros ao norte. Ele podia ligar para Polly e perguntar se podia ir lá, decidiu. Ajudaria um pouco.

Nunca um pensamento tão verdadeiro foi pensado!, a voz da depressão concordou com energia. A propósito, Alan, você se lembra do quanto essa cobra o deixou feliz? Ele brincou com todo mundo! Quase fez Norris Ridgewick ter um ataque cardíaco e você riu até quase molhar a calça! Lembra? Ele não era cheio de vida? Não era ótimo? E Annie... lembra como ela riu quando você contou? Ela era cheia de vida e ótima também, não era? Claro, não estava tão cheia de vida no finalzinho, também não tão ótima, mas você nem reparou direito, não é? Porque tinha coisas na cabeça. A história com Thad Beaumont, por exemplo... você não conseguia tirar aquilo da cabeça. O que aconteceu na casa do lago e, depois que acabou, quando ele bebia e ligava para você. A esposa dele pegou os gêmeos e o deixou... tudo isso junto com as coisas habituais da cidade te mantiveram bem ocupado, não foi? Ocupado demais para ver o que estava acontecendo em casa. Pena que você não viu. Se tivesse visto, ora, talvez eles ainda estivessem vivos! E isso é uma coisa que você também não devia esquecer, por isso vou ficar lembrando... e lembrando... e lembrando. Tá bom? Tá bom!

Havia um arranhão de trinta centímetros na lateral do carro, acima da abertura do reservatório de gasolina. Aquilo aconteceu depois que Annie e Todd morreram? Não conseguia lembrar e não importava muito mesmo. Ele passou os dedos pelo arranhão e pensou que tinha que levar o carro até o Sunoco do Sonny para que fosse consertado. Por outro lado, para quê? Por que não levar aquela porcaria para a Ford do Harrie em Oxford e trocar por algo menor? A quilometragem ainda estava relativamente baixa; ele provavelmente conseguiria uma boa troca...

Mas Todd derramou o milk-shake no banco da frente!, a voz da sua cabeça falou com indignação. Ele fez isso quando estava VIVO, Alan, amigo! E Annie...

— Ah, cala a boca — disse ele.

Ele chegou ao prédio e parou. Estacionado ali perto, tão perto que a porta o teria amassado na lateral se estivesse toda aberta, estava um Cadillac Seville vermelho. Ele não precisava olhar para a placa para saber o que dizia: KEETON 1. Ele passou a mão no capô liso do carro, pensativo, e então entrou.

2

Sheila Brigham estava sentada no cubículo de paredes de vidro do atendimento, lendo a revista *People* e bebendo um Yoo-Hoo. A combinação de posto do xerife e delegacia de polícia de Castle Rock estava vazia, exceto por ela e por Norris Ridgewick.

Norris estava atrás de uma máquina de escrever elétrica IBM velha, trabalhando em um relatório com a concentração sofrida e sem fôlego que só Norris conseguia fazer com a papelada. Ele olhava fixamente para a máquina, então se inclinava abruptamente como um homem que tivesse levado um soco na barriga e batia nas teclas em uma explosão barulhenta. Ficava na posição encolhida por tempo suficiente para ler o que tinha escrito e gemia de leve. Havia o som de *clique-rap! Clique-rap! Clique-rap!* de Norris usando a fita corretiva da IBM para apagar algum erro (ele usava uma fita por semana, na média) e então se empertigava. Havia uma pausa grávida e o ciclo se repetia. Depois de uma hora disso, mais ou menos, Norris botava o relatório concluído na cesta de ENTRADA de Sheila. Uma ou duas vezes por semana, esses relatórios eram até inteligíveis.

Norris ergueu o rosto e sorriu quando Alan atravessou a pequena área cercada.

— Oi, chefe, como está?

— Bom, só vou precisar voltar a Portland em duas ou três semanas. Aconteceu alguma coisa aqui?

— Não, só o habitual. Sabe, Alan, seus olhos estão vermelhos à beça. Você andou fumando aquele cigarro do demônio de novo?

— Haha — fez Alan em tom azedo. — Eu parei pra beber uma coisinha com dois policiais e fiquei olhando pro farol alto das outras pessoas por cinquenta quilômetros. Tem aspirina aí?

— Sempre — disse Norris. — Você sabe.

A gaveta de baixo de Norris continha sua farmácia particular. Ele a abriu, remexeu dentro, tirou um frasco gigantesco de Kaopectate sabor morango, olhou para o rótulo por um momento, balançou a cabeça, colocou-o de volta na gaveta e remexeu mais um pouco. Finalmente, tirou um frasco de aspirina genérica.

— Tenho um trabalhinho pra você — disse Alan, pegando o frasco e virando duas aspirinas na mão. Um pó branco caiu junto com os comprimidos, e ele se viu questionando por que aspirina genérica sempre produzia mais pó do que a de marca. Perguntou-se também se podia estar ficando maluco.

— Ah, Alan, tenho mais duas dessas porcarias de E-9 pra fazer e...

— Calma aí. — Alan foi até o garrafão de água e pegou um copo de papel no cilindro preso na parede. *Blub-blub-blub*, fez o garrafão enquanto ele enchia o copo. — Você só precisa atravessar a sala e abrir a porta pela qual acabei de passar. É tão simples que até uma criança poderia fazer, não é?

— O que...

— Só não esqueça de levar o bloco de multas — disse Alan, e engoliu as aspirinas.

Norris Ridgewick fez uma expressão de cautela na mesma hora.

— O seu está bem ali na mesa, ao lado da sua pasta.

— Eu sei. E é lá que vai continuar, ao menos por hoje.

Norris olhou para ele por um longo momento. Finalmente, perguntou:

— Buster?

Alan assentiu.

— Buster. Estacionou na vaga de deficientes de novo. Falei da última vez que não ia mais ficar avisando.

O conselheiro municipal de Castle Rock, Danforth Keeton III, era chamado de Buster por todos que o conheciam... mas os funcionários municipais que queriam continuar no emprego sempre o chamavam de Dan ou sr. Keeton quando ele estava por perto. Só Alan, que tinha sido eleito, ousava chamá-lo de Buster na cara dele, e só o tinha feito duas vezes, estando em ambas muito zangado. Mas achava que faria de novo. Dan “Buster” Keeton era um homem com quem Alan Pangborn ficava facilmente irritado.

— Ah, não! — exclamou Norris. — Você faz isso, Alan, está bem?

— Não posso. Tenho aquela reunião sobre verbas com os conselheiros municipais na semana que vem.

— Ele já me odeia — disse Norris morbidamente. — Sei que odeia.

— Buster odeia todo mundo, menos a esposa e a mãe — disse Alan —, e mesmo assim não tenho tanta certeza sobre a esposa. Mas é fato que o avisei pelo menos seis vezes no mês passado sobre estacionar na nossa única vaga pra deficientes e agora vou parar de falar e vou agir.

— Não, você vai parar de falar e *eu* vou agir. Isso é sacanagem, Alan. Eu sou sincero. — Norris Ridgewick parecia uma propaganda de *Quando coisas ruins acontecem às pessoas boas*.

— Relaxa — disse Alan. — Deixa uma multa de cinco dólares no parabrisa dele. Ele vem me procurar e me manda primeiro despedir você.

Norris gemeu.

— Eu me recuso. Ele me diz pra rasgar a multa. Eu também recuso. Mas, amanhã ao meio-dia, depois que ele tiver a chance de espumar pela boca por um tempo, eu deixo passar. E quando for à próxima reunião sobre as verbas, ele vai estar me devendo um favor.

— Tá, mas o que ele vai dever a mim?

— Norris, você quer um radar Doppler novo ou não?

— Bom...

— E que tal uma máquina de fax? Estamos falando sobre termos uma máquina de fax há pelo menos dois anos.

Sim!, gritou a voz falsamente alegre na mente dele. *Você começou a falar sobre isso quando Annie e Todd ainda estavam vivos, Alan! Lembra? Lembra quando eles estavam vivos?*

— É — disse Norris. Ele pegou o bloco de multas com tristeza e a resignação ficou estampada na cara dele.

— Bom sujeito — disse Alan com um entusiasmo que não sentia. — Vou ficar um pouco na minha sala.

3

Ele fechou a porta e discou o número de Polly.

— Alô — atendeu ela, e ele soube na mesma hora que não contaria a ela sobre a depressão que tomara conta dele de forma suave e completa.

Polly tinha seus próprios problemas naquela noite. Foi preciso só aquela palavra para ele saber como ela estava. O som do *l* no alô foi meio arrastado. Isso só acontecia quando ela tinha tomado um Percodan (ou talvez mais de um), e ela só tomava um Percodan quando a dor estava muito ruim. Apesar de não falar abertamente, Alan achava que ela vivia morrendo de medo do dia em que o remédio fosse parar de fazer efeito.

— Como está, moça bonita? — perguntou ele, se encostando na cadeira e cobrindo os olhos com a mão. As aspirinas pareciam não estar ajudando muito com a cabeça. *Talvez eu devesse pedir a ela um Percodan*, pensou ele.

— Estou bem. — Ele notou o jeito cuidadoso como ela falou, indo de uma palavra para a seguinte como uma mulher acostumada a usar pedras para atravessar um riacho. — E você? Está com uma voz de cansado.

— Os advogados fazem isso comigo sempre. — Ele arquivou a ideia de ir vê-la. Ela diria “Claro, Alan”, e ficaria feliz de vê-lo, quase tão feliz quanto ele de vê-la, mas seria mais trabalho do que ela precisava naquela noite. — Acho que vou pra casa mais cedo. Você se importa se eu não passar aí?

— Não, querido. Na verdade, talvez seja melhor se você não vier.

— Está ruim hoje?

— Já esteve pior — disse ela com cautela.

— Não foi isso que eu perguntei.

— Não está tão ruim, não.

Sua própria voz entrega que você está mentindo, minha querida, pensou ele.

— Que bom. E aquela terapia de ultrassom que você mencionou? Descobriu alguma coisa?

— Bom, seria ótimo se eu pudesse pagar um mês e meio na Clínica Mayo pra ver se dá certo, mas não posso. E não me diga que você pode, Alan, porque estou meio cansada demais pra te chamar de mentiroso.

— Achei que você tivesse dito que o Boston Hospital...

— Ano que vem — disse Polly. — Vão abrir uma clínica usando terapia de ultrassom ano que vem. Talvez.

Houve um momento de silêncio e ele estava prestes a se despedir quando ela falou de novo. Desta vez, o tom estava um pouco mais

animado.

— Passei na loja nova hoje de manhã. Pedi a Nettie pra fazer um bolo e levei. Pura teimosia, claro. Senhoras não levam bolos em inaugurações. Isso está praticamente entalhado em pedra.

— Como é lá? O que vende?

— Um pouco de tudo. Se você apontasse uma arma na minha cabeça, eu diria que é uma loja de curiosidades e artigos colecionáveis, mas na verdade desafia descrições. Você vai ter que ir lá ver pessoalmente.

— Você conheceu o dono?

— Sr. Leland Gaunt, de Akron, Ohio — disse Polly, e agora Alan ouvia o toque de sorriso na voz dela. — Ele vai provocar suspiros na mulherada de Castle Rock este ano. É a minha previsão, pelo menos.

— O que você achou dele?

Quando voltou a falar, o sorriso na voz dela ficou ainda mais claro.

— Bom, Alan, vou ser sincera. Você é meu amor e espero que eu seja o seu, mas...

— Você é — disse ele. A dor de cabeça estava melhorando um pouco. Ele duvidava que fosse a aspirina do Norris Ridgewick executando esse pequeno milagre.

— ... mas ele fez o *meu* coração disparar também. E você devia ter visto Rosalie e Nettie quando elas voltaram...

— *Nettie?* — Ele tirou os pés de cima da mesa e se levantou. — Nettie tem medo da própria sombra!

— É verdade. Mas como Rosalie a convenceu de ir junto, porque você sabe que a coitada não vai a *lugar nenhum* sozinha, eu perguntei a Nettie o que *ela* achou do sr. Gaunt quando cheguei em casa à tarde. Alan, os olhinhos sem vida se iluminaram. “Ele tem vidro carnival!”, ela disse. “Um vidro carnival maravilhoso! Até me convidou pra voltar amanhã e olhar mais!” Acho que foram as frases mais longas que ela disse pra mim

de uma vez só em uns quatro anos. E eu falei: “Que gentileza dele, Nettie!”. E ela disse: “É, e quer saber?”. Eu perguntei o que era, claro, e Nettie disse: “*Eu acho que vou!*”.

Alan riu alto e com gosto.

— Se Nettie está disposta a ir vê-lo sem companhia, eu *devia* mesmo dar uma olhada nele. O cara deve ser um charme.

— Bom, é engraçado. Ele não é bonito, pelo menos não no estilo galã de cinema, mas tem olhos cor de mel esverdeados *lindos*. Que iluminam o rosto dele todo.

— Olha lá, moça — rosnou Alan. — Meu ciúme está começando a despertar.

Ela riu um pouco.

— Acho que você não precisa se preocupar. Mas tem uma outra coisa.

— O quê?

— Rosalie disse que Wilma Jerzyck foi lá quando Nettie estava lá dentro.

— Aconteceu alguma coisa? Elas trocaram palavras?

— Não. Nettie olhou de cara feia pra Jerzyck, que repuxou os lábios pra Nettie, ou ao menos foi assim que Rosalie descreveu a situação, e depois Nettie foi embora. Wilma Jerzyck ligou pra reclamar do cachorro da Nettie ultimamente?

— Não — disse Alan. — E nem teve motivo. Já passei pela casa da Nettie depois das dez várias noites nas últimas seis semanas. O cachorro não late mais. Foi só o tipo de coisa que filhotes fazem, Polly. Cresceu um pouco e tem uma boa dona. Nettie pode ter poucos parafusos na cabeça, mas fez o que tinha que fazer com aquele cachorro. Como é o nome que ela deu?

— Raider.

— Bom, Wilma Jerzyck vai ter que encontrar outra coisa pra reclamar, porque Raider está treinado. E ela vai encontrar. Mulheres como Wilma sempre encontram. Nunca foi sobre o cachorro, na verdade; Wilma era a única pessoa do bairro todo que reclamava. Era sobre Nettie. Pessoas como Wilma têm o nariz como fraqueza. E tem muita coisa a se farejar em Nettie Cobb.

— É. — Polly parecia triste e pensativa. — Sabia que Wilma Jerzyck ligou pra ela uma noite e disse que, se Nettie não calasse o cachorro, ela iria lá e cortaria a garganta dele?

— Bom — disse Alan com voz firme —, sei que Nettie disse isso pra você. Mas também sei que Wilma assustou muito a Nettie e que Nettie tem tido... problemas. Não estou dizendo que Wilma Jerzyck não seja capaz de fazer uma ligação dessas, porque ela é. Mas *pode* ter sido coisa da cabeça de Nettie.

Dizer que Nettie tinha tido problemas era pegar leve, mas não havia necessidade de dizer mais; os dois sabiam do que estavam falando. Depois de anos de inferno, casada com um brutamontes que abusava dela de todas as formas que um homem pode abusar de uma mulher, Nettie Cobb enfiou um garfo de carne no pescoço do marido quando ele estava dormindo. Ela tinha passado cinco anos em Juniper Hill, uma instituição mental perto de Augusta. Foi trabalhar para Polly como parte do programa de soltura. Para Alan, ela não podia ter ido parar em mãos melhores, e o estado mental cada vez melhor de Nettie confirmava a opinião dele. Dois anos antes, Nettie fora morar numa casinha na rua Ford, a seis quarteirões do centro.

— Nettie tem problemas, é verdade — disse Polly —, mas a reação dela ao sr. Gaunt foi impressionante mesmo. Foi muito fofo.

— Eu tenho que ver esse cara.

— Me diga o que acha. E dê uma olhada nos olhos cor de mel.

— Duvido que causem a mesma reação em mim que parecem ter provocado em você — disse Alan secamente.

Ela riu de novo, mas desta vez pareceu um riso meio forçado.

— Tenta dormir um pouco — disse ele.

— Pode deixar. Obrigada por ligar, Alan.

— De nada. — Ele fez uma pausa. — Eu te amo, moça bonita.

— Obrigada, Alan. Eu também te amo. Boa noite.

— Boa noite.

Ele desligou o telefone, virou o abajur para que lançasse um fecho de luz na parede, apoiou os pés na mesa e uniu as mãos na frente do peito, como se estivesse orando. Esticou os dedos indicadores. Na parede, um coelho de sombra ergueu as orelhas. Alan enfiou os polegares entre os dedos esticados e o coelho de sombra remexeu o nariz. Alan fez o coelho pular pelo holofote improvisado. O que voltou foi um elefante, movendo a tromba. As mãos de Alan se moviam com facilidade ágil e sinistra. Ele nem reparou direito nos animais que estava criando; esse era um antigo hábito, seu jeito de olhar para a ponta do nariz e dizer “Om”.

Ele estava pensando em Polly; Polly e suas pobres mãos. O que fazer com Polly?

Se fosse só questão de dinheiro, ele a estaria internando em um quarto na Clínica Mayo até a tarde seguinte; serviço completo. Teria feito aquilo mesmo que significasse prendê-la em uma camisa de força e dar um sedativo para levá-la até lá.

Mas não era só questão de dinheiro. O ultrassom como tratamento para artrite degenerativa ainda estava nascendo. Podia até acabar sendo tão eficiente quanto a vacina Salk, mas também tão falso quanto a ciência da frenologia. De qualquer modo, não fazia sentido agora. As chances eram de mil para uma de que não fosse dar em nada. Não era a perda de dinheiro que ele temia, mas a perda das esperanças de Polly.

Um corvo, tão ágil e cheio de vida quanto um corvo em um desenho da Disney, bateu as asas lentamente por cima do diploma de formatura da Academia de Polícia de Albany. As asas se esticaram e ele virou um pterodátilo pré-histórico, a cabeça triangular inclinada enquanto voava pelos arquivos no canto, até sumir.

A porta foi aberta. O rosto melancólico de basset hound de Norris Ridgewick apareceu.

— Já fiz, Alan — disse ele, parecendo um homem confessando o assassinato de várias crianças pequenas.

— Que bom, Norris — disse Alan. — Você não vai sofrer por causa disso. Prometo.

Norris olhou para ele um momento a mais com os olhos úmidos e assentiu com dúvida. Ele olhou para a parede.

— Faz o Buster, Alan.

Alan sorriu, balançou a cabeça e pegou o abajur.

— Ah, vai — pediu Norris. — Eu multei a porcaria do carro dele, eu mereço. Faz o Buster, Alan. *Por favor*. Eu morro de rir.

Alan olhou por cima do ombro do Norris, não viu ninguém e curvou uma das mãos sobre a outra. Na parede, um homem sombra atarracado andou pelo holofote, a barriga balançando. Ele parou para puxar a calça sombra atrás e continuou andando, a cabeça virando de forma truculenta de um lado para o outro.

As gargalhadas do Norris soaram agudas e felizes, gargalhadas de criança. Por um momento, Alan se lembrou de Todd, mas afastou o pensamento. Já tinha havido muito daquilo por uma noite, Senhor.

— Caramba, isso *acaba* comigo — disse Norris, ainda rindo. — Você nasceu tarde, Alan. Podia ter feito carreira no *The Ed Sullivan Show*.

— Vai — expulsou Alan. — Sai daqui.

Ainda rindo, Norris fechou a porta.

Alan fez Norris, magrelo e um pouco arrogante, andar pela parede, mas logo apagou o abajur e tirou um caderno surrado do bolso de trás. Folheou até encontrar uma página em branco e escreveu *Artigos Indispensáveis*. Embaixo, anotou: *Leland Gaunt, Cleveland, Ohio*. Era isso mesmo? Não. Ele riscou *Cleveland* e escreveu *Akron*. Talvez eu esteja mesmo ficando doido, ele pensou. Na terceira linha, ele escreveu: *Dar uma olhada*.

Ele guardou o caderno no bolso de trás, pensou em ir para casa, mas acendeu o abajur de novo. Em pouco tempo, o desfile de sombras tinha voltado para a parede: leões e tigres e ursos... Como a neblina de Sandburg, a depressão voltou com patinhas leves de felino. As vozes começaram a falar de Annie e Todd de novo. Depois de um tempo, Alan Pangborn começou a prestar atenção. Fez isso contra a vontade... mas com uma atenção crescente.

4

Polly estava deitada na cama e, quando terminou de falar com Alan, se virou para o lado esquerdo para desligar o telefone, que caiu da mão dela no chão. A base do telefone deslizou pela beirada da mesa, querendo se juntar à outra metade. Ela esticou a mão para pegá-la e bateu na beirada da mesa. Uma pontada monstruosa de dor surgiu na teia fina que o analgésico tinha criado sobre os nervos e subiu até o ombro. Ela precisou morder os lábios para sufocar um grito.

A base do telefone caiu pela beirada da mesa e bateu no chão com um único *cling!* do sininho dentro. Ela ouviu o zumbido regular e idiota da linha. Parecia uma colmeia de insetos sendo transmitida por ondas curtas.

Ela pensou em pegar o telefone com as garras que agora estavam aninhadas junto ao peito, tendo que fazer isso não agarrando (naquela noite seus dedos não se dobravam de jeito nenhum), mas *apertando*, como uma mulher tocando acordeão, e de repente foi demais, até uma coisa simples como pegar um telefone que tinha caído no chão era demais, e ela começou a chorar.

A dor estava completamente desperta novamente, desperta e furiosa, transformando as mãos dela, principalmente a que ela tinha batido, em poços borbulhantes. Ela ficou deitada na cama, olhando para o teto pelos olhos embaçados, e chorou.

Ah, eu daria qualquer coisa para ficar livre disso, pensou ela. Eu daria qualquer coisa, qualquer coisa mesmo.

5

Às dez horas em uma noite de meio de semana de outono, a rua Principal de Castle Rock ficava tão fechada quanto um cofre Chubb. Os postes de luz geravam círculos de luz branca na calçada e na frente do comércio em perspectiva cada vez menor, fazendo o centro parecer um cenário de teatro deserto. Em pouco tempo, se poderia pensar, uma figura solitária usando casaca e cartola (Fred Astaire ou talvez Gene Kelly) apareceria e dançaria de um círculo de luz até o outro, cantando sobre a solidão que um sujeito poderia sentir quando sua garota lhe dava um pé na bunda e todos os bares estavam fechados. Do outro lado da rua Principal, outra figura apareceria (Ginger Rogers ou talvez Cyd Charisse), usando um vestido de noite. Ela dançaria na direção de Fred (ou Gene), cantando sobre a solidão que uma garota poderia sentir quando seu homem lhe dava um bolo. Eles se veriam, fariam uma pausa

artística e dançariam juntos na frente do banco ou talvez da Sempre Costurando.

Mas, em vez disso, quem apareceu foi Hugh Priest.

Ele não se parecia com Fred Astaire nem com Gene Kelly, não havia nenhuma garota do outro lado da rua Principal avançando na direção de um encontro acidental romântico com ele, e ele definitivamente não dançava. Mas bebia, e tinha ficado bebendo sem parar no Tigre Meloso desde as quatro da tarde. Àquelas alturas das festividades, caminhar já era complicado, quanto mais executar passos de dança elaborados. Ele andou lentamente, passando por uma área iluminada atrás da outra, a sombra comprida na frente da barbearia, da loja Western Auto, da videolocadora. Estava oscilando de leve, os olhos vermelhos voltados para a frente, a barriga grande esticando a camiseta azul suada (na frente havia o desenho de um mosquito enorme acima das palavras AVE ESTADUAL DO MAINE) em uma curva comprida.

A picape do Departamento de Serviços Públicos de Castle Rock que ele costumava dirigir ainda estava nos fundos do estacionamento de terra do Tigre. Hugh Priest era o dono nada orgulhoso de várias violações por dirigir embriagado e depois da última, que resultou na suspensão de seis meses do seu privilégio de dirigir, o filho da mãe Keeton, seus companheiros filhos da mãe Fullerton e Samuels e a companheira vaca Williams deixaram claro que tinham chegado ao limite da paciência com ele. A próxima infração resultaria na perda permanente da habilitação, provavelmente, e acabaria resultando na perda do emprego.

Isso não fez com que Hugh parasse de beber; nenhum poder na Terra poderia fazer isso. Mas fez com que tomasse uma resolução firme: nada de beber e dirigir. Ele tinha cinquenta e um anos e era meio tarde na vida para mudar de emprego, principalmente com um longo registro de